

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



D. João da Câmara  
*Contos*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# D. João da Câmara

## *Contos*

---

Publicados originalmente em 1900.

**Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos  
(1884 – 1914)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 168**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português D. João da Câmara: “*Contos*”.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

# BIOGRAFIA

D. João Gonçalves Zarco da Câmara nasceu em Lisboa, no dia 27 de Dezembro de 1852, e faleceu na mesma cidade na data de 2 de Janeiro de 1908.

Dramaturgo português, filho dos marqueses da Ribeira Grande, D. Francisco de Sales Gonçalves Zarco da Câmara e D. Ana da Piedade de Brígida Senhorinha Francisca Máxima Mascarenhas da Silva.

Estudou em Lisboa (Colégio de Campolide) e em Lovaina, na Bélgica, regressando a Portugal com a morte do pai, em 1872. De seguida, estudou na Escola Politécnica e no Instituto Industrial.

Desenvolveu a sua carreira profissional nas obras públicas: construção do ramal de Cáceres e das linhas de Sintra e Cascais e chefiou a Administração Central de Caminhos de Ferro. Posteriormente dedicou-se à escrita, que o tornaria conhecido.

Começou a escrever pequenas peças de um ato ainda no colégio (*O Diabo, Nobreza e Bernarda no Olimpo*) e outras mais tarde.

Seria, contudo, o drama histórico *D. Afonso VI* que lhe traria o êxito, estreado a 13 de Março de 1890 no Teatro Nacional D. Maria II, com dos melhores atores portugueses do tempo. A peça insere-se na corrente que fez renascer, embora em novos moldes, o drama histórico. De *D. Afonso VI* tem sido notada a "notável fluência dialogal" (REBELLO), apesar do verso dodecassílabo, e a humanidade e o desenho psicológico das personagens, bem como o equilíbrio entre a erudição histórica e capacidade artística. O drama descreve a luta pelo trono em volta do monarca D. Afonso VI.

*Alcácer Quibir*, outro drama histórico, decorre nas vésperas da batalha que decidiu o destino de Portugal.

A obra-prima de D. João da Câmara é sem dúvida a comédia *Os Velhos*, estreada a 11 de Março de 1893, no mesmo teatro. Não foi bem recebida pelo público e pela crítica de então e só mais tarde teve o reconhecido merecimento. Trata-se um texto de recorte realista, cuja ação decorre no Alto Alentejo, quando se aproximam as obras do caminho-de-ferro. *Os Velhos* "põem em cena uma animada galeria de criaturas reais, captadas na diversidade dos seus temperamentos, obsessões e afetos" (REBELLO).

Com o texto seguinte, em quatro atos, *O Pântano*, estreado a 10 de Novembro de 1894, já adota outra corrente literária: o simbolismo, por influência de Maeterlinck.

Escreve mais duas comédias: *A Toutinegra Real* e *O Ganha-Perde*, seguindo-se *A Triste Viuvinha* (1897), também de ambiente alentejano.

Com *Meia-Noite* (1900) funde as vertentes realista e simbolista. No ano seguinte estreia um folhetim populista, *A Rosa Enjeitada*, oportunidade para uma grande criação da atriz Adelina Abranches. Mais tarde (1929) seria adaptada a opereta por Silva Tavares e Vasco de Macedo.

D. João da Câmara escreveria ainda outras obras de menor valor e ainda várias operetas em colaboração com Gervásio Lobato e Ciríaco Cardoso.

Também colaborou em diversas publicações periódicas, nomeadamente nas revistas *O ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro* (1877-1915).

De D. João da Câmara afirmou, em 1903, Raúl Brandão que se tratava de um dos maiores dramaturgos portugueses.

*Wikipédia*  
*Janeiro, 2014*

# ÍNDICE

A BURRINHA BRANCA.....	1
OS NETOS.....	7
AS ESTRELAS DO CEGO.....	10
<i>REQUIEM AETERNAM</i> ... ..	15
NA BIQUEIRA.....	19
O MIMOSO.....	24
O MEU REVÓLVER.....	31
O PRIMEIRO SORRISO.....	37
ADASTRA.....	51
PERDIDO.....	59
O PAQUETE.....	64
A OUTRA.....	71
O BAILE DOS VELHOS.....	80
AS MÃES.....	86

## A BURRINHA BRANCA

Meu avô tinha uma burrinha branca, que parecia um macho.

Era branca e lustrosa como um cotãozinho de serralha, esbelta, com as mãozinhas muito finas, viva, com as orelhitas muito curtas. Uma estampa.

Quando o avô saía nela, não havia general em campo de batalha que mais garboso se apresentasse. Tic-tic! — lá iam os dois pelos caminhos. Vinham as mulheres às portas e era um coro:

— Benza-te Deus, burrinha!

É que tinha uns modos que prendiam o olhar de todos.

Homens havia que embirravam com o avô, por causa daquela fortuna, e diziam ao vê-los:

— Raios os partam!

Mas o velhote não cuidava de mulheres, desprezava invejosos e só pensava na burra.

Chamava-se Pomba, pomba por dentro e por fora, tão branquinha d'alma como de pêlo.

Muito meiga, quando o avô lhe levava a ração, esfregava nele a cabeça, mexia as orelhas e dava ao rabo, que é o modo por que os burros fazem festas à gente. O avô dava-lhe beijos.

Por todas essas aldeias, nunca vi gato nem cão, animalzinho mais querençudo. Assim passaram muitos meses de muita paz e sossego.

Lá o nosso vizinho sapateiro é que se mordia de inveja. De amarelo que era fez-se verde, de magro um trinca-espinhas. Era dono dum cavalinho lazão, coxo, peludo, calçado de três pés e bebendo em branco.

Pois ainda queria comparar o diabo do homem!...

Ora isto da malha branca da testa correndo pelo focinho até ao beicho é de mau agouro. Diziam os mouros que os cavalos assim marcados tinham na cabeça a mortalha do cavaleiro. Até onde seja verdade não sei; mas vi mais de uma vez o lazão aos coices nas estrelas e o sapateiro no chão com as costelas amolgadas.

Pois, apesar disso, só para fazer rabiar o avô, dizia que não trocava!...

A Pomba era um apetite. Invejavam-lhe ovelhas a mansidão.

O avô calava-se, porque bem conhecia o sapateiro. Ria-se, sem que ninguém desse por isso, que eram tantas as rugas na cara que mais uma, menos uma não fazia diferença. Onde se lhe conhecia a alegria era nos olhos, uns olhitos pequeninos, já sem cor.

A burrinha a trote — tic-tic! — e ele:

— Bons dias, vizinho!

Então o cavalicoque escanzelado, muito malcriado, tinha o mau sestro de rincar.

O avô não gostava do atrevimento; mas que havia de fazer senão conformar-se com o namoro desaforado de quantos quadrúpedes na terra havia? Era a linda cabecinha branca apontar entre os umbrais da cocheira e logo cada zurro de repicaponto, que, fosse a Pomba como certas mulheres, seria a aldeia um céu aberto.

Ela, muito dengosa — tic-tic! — olhava para todos de soslaio, mas nenhum encarava de fito.

Eu levava-a muita vez a pastar. E, como o avô não queria que ela perdesse um só ponto da reputação, dizia-me sempre:

— Não percas o animaizinho de vista. Não deixes de piar a burra.

Nem o mais pintado se lhe havia de chegar, que eu tinha sempre o olho nela e nunca as peias me haviam esquecido.

Entretanto chegou o mês de abril e toda a charneca se encheu de flores, desde as copas mais altas dos sobreiros até as ervinhas, que se escondem envergonhadas debaixo das moitas.

A burrinha abria muito as ventas, respirando o ar fresco da madrugada, que cheirava a alecrim e a rosmano, que nem eu sei encarecê-lo! Os estevais eram todos em flor e a charneca parecia um mar todo ele verde e branco, quando o vento cursava por essas mesas fora.



Ela gostava de ouvir os passarinhos, que até parece que os entendia. Não há como maus exemplos. Andava azougada e o avô inquieto.

Peia-me a burra — dizia sempre.

Iam tamanhos desaforos pela aldeia...!

Mas quem havia de pensar...?

\* \* \*

Ora, por esse tempo, a Pomba fez quatro anos, o que é também a primavera na vida dos burros.

Uma certa manhã, o sol, depois de três ou quatro dias de chuviscos, apareceu de repente limpo de nuvens e com tanta luz, que as abelhas embebedaram-se todas. Era um zunir lá pelos ares, que até dava alegria à gente. E lá embaixo no montado, ao pé do rio, ainda os rouxinóis se não tinham calado, já os trigueirões andavam cantando. Era dia de festa tanto na terra como no céu!

Ora um homem pode ser marreca, aleijado e feio como eu sou, há coisas que lhe vão direitinhas à alma.

Larguei a burra no ferregial e fui-me deitar debaixo da figueira.

Dizem que o sol, quando nasce, é para todos: por que não havia de haver uns raios para mim? Tanta moça boa na aldeia e eu estropiado, sem me atrever...

Pus-me a olhar para aqueles montes, donde o sol vinha a subir. Um moinho ao longe bracejava, com as velas muito brancas, que mal se viam no céu todo em volta cintado de cor de sangue. Zuniam as abelhas, cantavam os pássaros, e o cheiro das flores, em que me tinha deitado, trepava-me à cabeça. Fechava os olhos encadeados com a luz do céu e punha-me a sonhar. O sol apareceu por detrás do monte, correu uma aragem, as florinhas do rosmano curvaram-se, escondendo-se na troca dos beijos. Passaram no ar duas borboletas brancas, uma atrás da outra, e pelas ervas andavam gafanhotos aos saltos. Eu pensava em muita coisa junta e cantarolava baixinho uma cantiga, que tinha ouvido de longe, num baile da véspera:

*Qual a distância e a lonjura  
Onde o sentido caminha,  
Onde é que ele vai parar,  
Isso ninguém adivinha.*

Ora, os versos que eu cantava, a burra também os sabia. Tinha-me esquecido peá-la e, quando voltei a mim, não vi da burra nem rastos!

E ali fiquei eu, não sei que tempos, como um simplacheirão, de queixos caídos e mãos a abanar, sem achar uma idéia que me alumiasse, sem ver remédio de vida, a tremer das fúrias do avô.

Depois, muito cozido com as paredes, fui até a cocheira. Talvez a Pomba tivesse tomado o caminho de casa.

O avô, satisfeito como um gato ao borralho e descansando em meu cuidado, assentara a barba sobre o peitilho, e no pátio, sentado no banco de pedra, dormia ao sol.

A burra não estava.

Fui para a charneca. Onde via estava pisada, procurava achar um rasto. Levava numa palhinha a medida certa da ferradura; mas as poucas horas de sol naquela manhã tinham endurecido a terra.

O sol foi subindo e até ao meio dia andei léguas. O coração batia-me tanto, que me fazia doer. Não parei. Ia a doida, sem destino. Bateram na vida ave-marias. Dei por mim a quatro léguas da aldeia. Calaram-se os pássaros; as papoulas das estevas enrolaram-se para dormir; anoiteceu, e eu deixei-me ficar toda a noite na charneca, a tremer de susto e de frio. Toda a santa noite um mocho piou e eu pensei na coça que me esperava. Se não fosse a marreca, tinha fugido para assentar praça. Uma daquelas só pela fortuna! E toda a noite tive nos ouvidos a mesma cantiga... Mas quem podia adivinhar...?

Era quase madrugada, quando cheguei a casa.

Mal o avô me avistou, bateu-lhe o queixo como em terçãs, e até os beiços se lhe fizeram brancos.

— E a burra? — perguntou.

— Por felicidade, nessa altura, a Pomba entrou no pátio, a passo, de orelha muito murcha, como quem traz peso na consciência.

Foi o que me valeu. Eu, que tanta praga durante a noite lhe rogara, tive até vontade — palavra! — de desatar aos beijos á minha salvadora.

Mas já o avô a tinha agarrado. O desgosto não lhe havia feito esquecer o costume, pelo contrário, e uma melhor matadela de bicho tornava-o ainda mais terno.

O que ele disse á burra! O que ele lhe disse!

\* \* \*

Mas embora o velho perdoasse, o mal estava feito. Breve disso se convenceu. Primeiro foram apenas suspeitas, passados dias uma certeza.

O avô andava envergonhado. Já, quando passava em frente da porta do sapateiro, não largava chalaças para a loja. O caso tinha sido falado. Isto de más-línguas na aldeia!... O avô parecia-lhe que a honra da burra tinha o que quer que fosse com a honra dele. Dantes sempre cantando — *tiro-liro-liro!* — andava matuto agora. “Quem se ria?... Vão lá saber!” Nasceu-lhe um ódio enorme a todas as cavalgaduras a quem pudesse atribuir a desgraça. Desafogava comigo e dava-me bofetadas, cada vez que dizia “não a peaste!” O asno do moleiro era amarelo com uma cruz nas costas e tinha fama de requestado. Nunca mais o pude ver. Contra todos tinha uma pedra no sapato e, quando o lazão rinchava, dizia: “Desavergonhado!” Mas não desconfiava dele. Tão feio!...

Quis ver se a Pomba se traía. Quando passeava pela aldeia na burrinha, ia-lhe sempre observando qualquer gestozinho das orelhas. E ela muito séria... tic-tic!...

\* \* \*

Uma madrugada vim dar parte ao avô de que havia mais um machinho na cavalaria.

Nem sequer acabou de engolir o copinho de aguardente e atravessou como doido o pátio.

Um macho! Um macho!... Mas então quem?... quem?

A luz da alvorada mal coava pelos intervalos da telha vã, cobertos de teias de aranha, onde se balouçavam palhas. Foi preciso que eu acendesse a candeia.

Como a Pomba enternecida lambia o filhinho!

Era um machinho lazão, muito feio, calçado de três pés, bebendo em branco.

Quando o avô lhe não deu ali um estupor, é porque já não morre.

O caso, é claro, fez bulha, ainda mais do que o primeiro.

Eram quase dez horas da manhã, quando o avô, que se fora encostar na cama, ralado pelo desgosto, ouviu uma voz alegre, que lhe gritava:

— Parabéns!

Veio a porta furioso e mostrou o punho ao sapateiro, que se afastava, findo, a chouto, no lazãozinho coxo peludo, calçado, dos três pés e com a tal malha de mau agouro...

Ora o que desconsolou o avô foi o que me deu alegria para a vida. Aquilo do cavalico que animou-me, porque a burra estava despeada e foi até onde muito bem lhe pareceu. São gostos. Pobrinho duma figa n'alma, no corpo e na algibeira, vivi desde então com uma esperança.

\* \* \*

Quando o marrequita acabou de contar a história, a Caetana que andara servindo os fregueses, pôs-se vermelha... vermelha...

— Até mais logo — disse ele, saindo.

O diabo do marreca tinha sorte!

## OS NETOS

Andavam todos pasmados, a falar baixinho pelos cantos.

O d. Afonso parecia outro!

Se fosse um Afonso qualquer!... mas o dom, o quarto, o do Salado!... Quem jamais o vira assim de olhar tão doce na sombra do supercílio carregado, de riso tão lhano sob as enormes barbas patriarcais, honradas entre as mais honradas dos afonsinos?

O Coelho, que havia muito, andava tramando o crime, até disse baixinho ao Pacheco: — “Ali há coisa!” O Pacheco já a farejara, olha quem! E entretanto, o d. Afonso, todo fora dos eixos costumados, dizia graças, quando passava alguma dama a rojar sedas na peugada da linda Inês.

la seu caminho o drama tenebroso. Tanto haviam feito, que já tinham escangalhado o sossego da que depois de morta foi rainha. E o cetro, sobre que tão famigerados heróicos havia de bordar o dr. Ferreira, parecia pesar nas mãos do monarca menos do que se fora de pequisbeque, talvez tanto como de papelão dourado.

É que naquela noite...

O homem tinha um fraco: pelava-se pela canja!

Ele em pessoa comprara a galinha, uma ave amarela, que era uma beleza, gorda anafada... Depois do muito regatear, e por ser a ele, d. Afonso, é que a soloia a vendera por 620! Um rico pedaço do touu1nh, um bom naco de presunto, o belo chouriço, cheirinhos, arroz da melhor tenda... Ora adeus! Um dia não são dias. Aquela noite de Natal havia de ser falada!

E, por debaixo dos longos bigodes brancos, brancos de neve, El-rei lambia os beiços.

Chovia a potes.

O drama terrível, a mais calamitosa tragédia da história pátria, ia-se pouco a pouco desenrolando.

Inês lamentava-se. Os horríficos algozes haviam-na trazido ante o rei. Eram três judeus de calvário de Semana Santa, muito capazes de dar sete pesadelos a

quem não estivesse prevenido. Muito cabelo, muita sobrancelha, muita barba, vozes de tiranos. Ela erguia para o céu cristalino os olhos piedosos, atentava nos meninos cheios de sono, falava ao avô cruel nas brutas feras e nas aves agrestes, na mãe de Nino e nos irmãos que Roma edificaram; queria ir fosse lá para onde fosse, para a Cítia fria ou para a Líbia ardente, contanto que a tirassem dali. Era de partir os corações! Mas aqueles patifes, de punhais desembainhados, sanhudos, faziam esgares!

E a desditosa amante do príncipe, entre soluços e lágrimas, pensava: — “Que demônio tem hoje o d. Afonso?”

O rei só via a canja, os olhinhos da gordura, o arroz muito branco... E arregalava o olho e abria a venta!

Ah! que delicioso quadro! Que lhe importavam a linda Inês de rojo a seus pés, as iras do filho apaixonado, a política do reino, as Espanhas, os Castros?

Uma trapeira, que, toda envolta em arroz de telhado, era como um ramallete, numa rua estreita, escura, tortuosa, para lá lhe fugia o pensamento. Em volta dela cantavam pardais todas as manhãs, e o sol, mal nascia, pintava-lhe os vidros como se fossem pedras preciosas, rutilantes. Tanta paz lá dentro, tanto riso de crianças!

Noite de Natal muito fria. Ah! como chovia lá fora! Cantava a água, caindo em jorros das biqueiras sobre as pedras das calçadas. Como estavam lamacentas as ruas, cheias de poças! O vento do sudoeste arrastava pelo céu as nuvens desgrenhadas, e chovia sem descanso.

Lá dentro da trapeira, tanta luz, tanta alegria!

Noite de Natal! A toalha resplandecia muito branca sobre a velha mesa herdada dos avós, um nadinha coxa e remendada. Era um velho traste amigo, naquela noite todo enfeitado para a festa. O candeeiro, entornando sobre a alvura do linho um círculo de luz aconchegador, fazia faiscar as lâminas das facas, estriava com fogo os cabos muito limpos das colheres. O pão, há pouco vindo do forno, ainda fumegava embrulhado na flanela, e seis guardanapos engomados ostentavam formas caprichosas, em cima dos pratos: pombinhos, leques, romãs abertas.

Lá dentro, na cozinha, riam as crianças: A mais pequenina, uma gorducha rosada e muito loira, fechava os olhos cansadinhos de sono, teimando em não querer deitar-se, que havia com as mais velhas de assistir à grande festa.

E a panela a chiar e o vinho a aquecer e o quebrar das nozes!

Vá lá um homem ralar-se com a política do reino, ter consciência de sua altíssima missão, compreender o direito divino, recalcar no coração a piedade e ser cruel contra o próprio filho meio louco de amor e que a dor tornaria completamente louco, contra os infantes seus netos, contra a formosa fidalga chorosa, que deixava espalhar pelos ombros os fartos cabelos pintados de loiro!

— Pois sim, cantem — pensava ele.

E respondia tão distraído, tão fora do sentimento, que todos, pasmados, diziam:

— O d. Afonso... ali há coisa!

Corriam-lhe pelas faces uns arrepiozinhos, impaciências perceptíveis sob as enormes barbas todas brancas, fazendo-lhe tremer as asas do nariz e os cantinhos das fartas sobrancelhas.

O filho, o d. Pedro, com voz de trovão, arrancava do peito as últimas exclamações e afastava-se a largos passos para ir pegar em armas. A corte, atônita, aflita, corria para a vasta janela rendilhada para ver o desgraçado amante atravessar os pátios, chamar os seus, com eles dispor a vingança. Era então que o velho herói do Salado, desgraçadinho, cheio de lágrimas na voz, com o coração dilacerado, diante do corpo inanimado da linda Inês, havia de soluçar altíssimas filosofias sobre a vaidade das vaidades, o peso daquela coroa sobre as cãs, daquele cetro nas mãos decrépitas.

— A canja, a canja! — pensava ele.

E ainda o eco murmurava os últimos gemidos daquele diabo de tragédia, e já o d. Afonso galgava a quatro e quatro os degraus da escada, sem coroa, sem cetro, sem barbas, respondendo ao contra-regra, que o chamava para ir agradecer os aplausos da claqué:

— Vão para o diabo!

E, meia hora depois, que alegria!

Quando chegou a casa, em volta da mesa, a filha, o genro, os três netinhos, todos a cantarem o hino da carta:

— Tchim! Tchim!... Taratatchim! Taratatchim! Que bem que cheirava a canja!

Aquela noite de Natal havia de ser falada!

## AS ESTRELAS DO CEGO

Noite de Natal.

Terminara a missa. Repicavam sinos e o povo descia alegre os degraus em ruína da larga escadaria.

A noite era cheia de estrelas, luzes do altar imenso sob o imenso dossel de veludo azul, O céu muito frio parecia rir-se, a piscar os olhinhos alegres.

Ainda nos ecos da alta abóbada em berço ressoavam os últimos cheios do órgão do convento. Pela porta aberta de par em par, onde a multidão se acotovelava à saída, vinha de dentro da igreja um perfume religioso de flores, de fumo de incenso, de cera queimada.

O altar reluzia ao fundo, e as luzes inquietas enchiam de ziguezagues rútilos as lentejoulas e os fios de seda nos mantos bordados da Santa Família e na colcha de damasco do berço pequenino, em que o Menino Jesus dormia.

Tocavam sinos, e os repiques, como foguetes, subiam pelo ar denso da noite fria, entre a algazarra do povo, massa escura caminhando pela noite escura. A larga frontaria da igreja, comida pelo tempo, abafada num velho tapete de musgo, sobressaía no céu em mancha muito negra, donde jorravam feixes luminosos, ondas de harmonias, luz e cânticos de triunfo. Um pequeno desceu a escada levando um cego pela mão.

lam fechar-se as portas. Saíam os últimos devotos.

O cego era um velho corcovado, trêmulo, com a face cheia de rugas cruzadas, como um pedaço de papel amachucado. Os olhos sem luz voltava-os para o céu, meneando a cabeça constantemente, como se procurasse... o quê? E sorria. Dava a mão ao petizinho e descia os degraus Tateando-os com o pé.

— Ainda mais um, avô... E outro... E outro.

Fechou-se a igreja, o candeeiro da esquina mal alumiava o adro.

E o cego sorria e afagava a mão do pequeno.

O povo espalhou-se pelas ruas. Eram como estilhaços de alegria por toda a cidade.



Vinha a gente descendo pelos becos angulosos, pelas travessas em declive rápido. E parecia que todos levavam n'alma um pedaço de luz daquela noite em Belém cantada nos evangelhos, da alegria daquela música ouvida no templo, quando os sinos repicaram e o coro entoou o *Gloria in excelsis*! Todos falavam, todos riam, muitos cantavam. Era a ceia pronta em casa, era o dia seguinte todo ele inteirinho de descanso!

Noite de Natal! Noite de Natal!

E eu fui por ali abaixo também, atrás do cego.

O pequenito teria oito anos. Loiro. De olhos azuis. Olhava para as estrelas a rirem lá em cima.

Os olhos tinham a cor do céu, e o que neles brilhava tanto podia ser o reflexo das estrelas como a luz plácida da sua almazinha.

Caminhavam os dois por ali abaixo e conversavam. A voz trêmula do velho replicava compassadamente o peque-fino. E o que ele dizia com a sua vozita infantil, linda como um trinado, devia de soar aos ouvidos do avô ainda como um cântico, como se um anjo daqueles, que haviam aos pastores anunciado a vinda do Senhor, houvesse ficado na terra; porque o cego continuava sorrindo e, ao descer pelos becos escuros e tortuosos, afagando a mão do netinho, fitava os olhos condenados às trevas lá em cima, lá muito em cima, donde vinha aquela luz toda, que alegrava os olhos da criança.

Conversavam os dois contentes. Eu ouvia bocadinhos do que diziam, palavras soltas, por onde, mais ou menos, reconstituía a conversação.

Esperava-os em casa a mãe do pequeno, filha do cego. Os dois levavam fome. A mulher ficara em casa fazendo a ceia. E ao velho ouvi dizer, uma ou duas vezes, gulosamente:

— A canja.

E o pequeno:

— Degrau, avozinho.

E o cego, muito atento, vagarosamente, tateava o degrau com o pé, afagando a mão do neto, cantarolando. Pelos becos, pelas travessas, sob os arcos dos pátios irregulares, cheios de sombras, disseminara-se a gente. Íamos agora sós, nós três, naquele caminho.

Ouviam-se ainda passos ao longe, ecos de vozes, uma ou outra guitarra em lojas fechadas, onde brilhavam as frinchas das portas; de quando em quando, um bater de palmas ao guarda-noturno, passos correndo, um tinir de chaves. Um galo cantou numa trapeira.

— E tarde disse o velho.

Caminhavam mais depressa agora.

E eu ia andando atrás deles, sem saber por que, atraído talvez pela doçura do quadro, pelo encanto do grupo, pela meiguice das vozes, por ver tanta alegria onde tanta miséria se cuidava, tanta paz nas almas, onde tanta dor devia de supor-se.

Passei-lhes adiante. Esperei junto de um candeeiro. Queria ver-lhes ainda uma vez os rostos.

O cego continuava a olhar para o céu, meneando a cabeça. O pequenito ao lado, agora que na rua tinham acabado os tropeços, olhava para onde olhava o cego.

A cabeleira loira, toda em anéis, não lhe cabia dentro do chapéu e caía-lhe, revolta, pela testa, ao longo das faces; pelas costas.

Era lindo, lindo! E o cego, que o não via, continuava a sorrir!

Deixei-os passar adiante.

A rua alargava-se entre casarias irregulares. Caminhavam mais à vontade agora, mas tinham-se calado. Culpa talvez da minha indiscrição.

Faziam eco no silêncio da noite os nossos passos sobre a calçada, na rua deserta.

Pararam. O velho bateu cinco argoladas à porta de uma casa esguia, com grades de madeira nas janelas cheias de vasos. Passados poucos segundos, ouviu-se a pancada violenta do trinco puxado com força desde lá de cima.

O cego e o pequeno desapareceram na escuridão da escada. A porta bateu com estrondo.

Ouvi ainda o velho cantarolando, enquanto subia. Pouco a pouco a voz sumiu-se. Encostei o ouvido à fechadura: uma bulha de passos apagando-se, mais e mais, a cada volta da escada; uma voz muito alegre — devia de ser a da mãe do

pequeno recebendo-os — palavras que não percebi... E fechou-se lá em cima uma porta.

\* \* \*

Então passei para o outro lado da rua e fiquei-me a olhar para aquela casa.

Era noite de Natal, noite de festa, noite cantada pelos poetas. Talvez as cordas da minh'alma vibrassem ainda em uníssono com os cantos daquelas vozes tão devotas, singelamente entoados por detrás das grades do coro, hinos muito simples ao Deus Menino nascido.

No céu de imaculada pureza as estrelas vibravam raios de luz intensíssima. Fazia frio.

E eu quedava-me a olhar para aquela casa, tão pobrezinha, tão velha, tão escura, tão cheia de flores de alto a baixo!

Uma janela no telhado iluminou-se.

Começava a ceia do velho. Eu reconstituía o grupo dos três: a mesa encostada à parede na trapeira muito baixa, o velho aspirando os perfumes da sopa, a terrina sobre a toalha muito branca, o pequeno defronte do avô, e a mulher a sorrir-lhes, ouvindo-lhes as histórias, o trono, o presépio, a missa, o canto das freiras, a vinda por ali abaixo a horas mortas, a minha perseguição.

E o pai do pequeno? Ah! sim, esse também lá estava... Pois quem trabalha para sustentar a alegria naquelas almas?... Santa família!

Que deliciosa ceia! Que paz tranquila! Que boa noite de Natal!

Tanto falava o cego na canja, rua afora, pela mão do pequeno! Quem não tem olhos, tem melhor paladar.

E o pequeno como devora! E que é tarde e não costuma estar de vela àquelas horas! Comprida manhã terá na cama. Já os olhitos se lhe começam a fechar.

E o pai e a mãe a rirem, contentes de os verem assim!

Que boa noite de Natal!

Fitara os olhos na janela, já não sabia dali apartá-los. Também eu agora olhava para cima, como ainda agora o pequeno para as estrelas, o cego não sei para onde.

Por que olhava o cego para o céu?

Tornou o galo a cantar. Ouvi-o, ao longe, mais alegre, como quem já adivinha a madrugada.

Há quanto tempo estava eu ali? Por que olhava para aquela trapeira?

Encaminhei-me vagarosamente para casa.

Havia tantas estrelas no céu! Como era linda a noite de Natal! Como tinha razão o pequenito dos cabelos loiros de olhar para as estrelas! Que quantidade de luz! Tantas! Tantas!... Talvez o pequeno se lhe metesse em cabeça de contá-las! Houve uma, quando vínhamos pela travessa abaixo, que passou correndo, deixando um rastro muito longo... Era como a estrela dos Reis Magos. Que luz não tinham os olhos do pequenito! E o cego sorrindo ao pé dele, com os olhos tenebrosos postos no céu! Por quê? E que se lhe voltavam para lá os olhos d'alma, é que na alma tinha ele mais luz do que o pequeno nos olhos.

E vejo-os ainda a descerem pelos becos, o velho meneando a cabeça, o pequenito a dar-lhe a mão — “Degrau, avozinho” — ambos com os olhos no céu, a estrela a correr...

Que lindas estrelas vê o cego!

## ***REQUIEM AETERNAM...***

Todas as tardes, quando o azul no alto do céu começava a desmaiar, ou já a enlutar-se nas pregas, pouco a pouco, serenamente acumuladas pela neblina da noite, recolhia à casa, aos solavancos sobre as pedras da calçada, a carruagem das velhinhas.

Espantosa, de grandes rodas espessas, ferragens desconjuntas, teto esburacado, tinha bexigosa, puxavam-na dois cavalos brancos, magros, muito magros de joelhos grossos, orelhas caídas, chutando sem brio, coxeando dolorosamente, com um ar de filósofo sem razão a caminho da morte.

Atrás saltava a carruagem com um tinir de ferragens, soturno como um ranger de ossos em dança macabra. E eu encostava aos vidros da janela a testa ardendo com febre, para ver a passagem daquelas duas velhinhas simpáticas, irmãs decerto, gêmeas talvez, tão iguais, com os cabelinhos brancos alisados sobre as testas enrugadas, as bocas reentrantes, os olhinhos apagados, trêmulas, encolhidas como passarinhos com frio, com os mesmos fatos de luto, o mesmo ar tranquilo, o mesmo sorriso de bondade. Macróbias à espera que a morte viesse num beijo perfumado cerrar-vos para sempre os olhos, como devíeis sofrer, cabeceando, sacudidas, empurradas brutalmente uma contra a outra pelas molas duras, aos safanões das sob-rodas da calçada! Boas velhinhas, minha paixão única, minha esperança dum dia inteiro, quando eu vivia isolado com a minha melancolia, naquela casa onde o vento soprava tristezas, onde o sol nunca entrou e onde as corujas riam de noite

O cocheiro, um velho muito velho, corcovado, segurando tremulamente as rédeas, com as mãos pousadas sobre os joelhos, conservava um certo ar de casa nobre, apesar da nódoa esverdeada, que se alastrava nas costas da sobrecasaca, e do chapéu de furta-cores, pequeno, de abas largas, arrombado, sem pêlo, com um velho galão todo oxidado, velho, muito velho, de outros tempos muito melhores.

Que volta misteriosa dava todos os dias aquela carruagem, que às tardes ali passava trepando pela calçada? Donde vinham, para onde iam, em que palácio ou castelo arruinado moravam as boas velhas? Quem eram? Nunca o soube.

E era talvez por isso que as amava tanto. Arquitetava histórias fantásticas a respeito delas, da carruagem, do cocheiro, dos cavalos e, quando por fim ouvia o rodar pesado e o tinir das ferragens, sentia o coração pulsando rápido, a respiração difícil, um calor nas faces, como se em vez da decrepitude a caminho

do cemitério, fosse uma primavera cheia de flores e de mocidade, que ali passasse em grande auréola de luz, em nuvem sutil de perfumes.

Creio que as velhinhas, numa doce, apagada recordação de galanteios havia muito passados, adivinharam o meu amor, e olhavam para mim, risonhas, fazendo renascer faíscas nos olhos cor de cinza, que um sorriso bordava com ondas de preguinhas por cima das rugas! E eu, com a testa encostada às vidraças, via desaparecer a carruagem fantástica, enquanto a noite descia lentamente e, muito desafinados, piavam lá no alto, em doidas correrias, os negros andorinhões.

Boas, santas velhinhas, benza-vos Deus!

A calçada subia em linha reta, tendo por fundo o céu ainda vermelho, àquelas horas. A carruagem levava uns cinco minutos até chegar ao alto, e lá em cima, esfumada pela distância, com as grandes rodas salientes, tombadas para fora, semelhava uma grande borboleta negra, que a descida precipitava na rutilante fogueira do pôr do sol.

\* \* \*

Pouco depois acendiam-se no céu muito pálido as primeiras estrelas. Então um doido, que morava no rés-do-chão, começava a uivar sinistramente e pela casa espalhava-se um cheiro intenso, um fumo sufocante de ervas, que a irmã queimava por conselho duma bruxa, entre rezas plangentes, arrastadas, de arrelia.

Pessimista bilioso, mal com a vida, fugira de parentes e de amigos, e ali vivia isolado, merencório, cheio de azedumes, naquela rua onde os casebres em ruínas se alinhavam tristemente, com vidros esverdeados, telhados cheios de corcovas, paredes desaprumadas, com ervas crescendo junto aos muros em que as osgas aqueciam ao sol os dorsos escamosos.

E dava-me bem naquela paisagem cuja música harmonizava com as minhas queixas, naquele cenário que havia procurado e enfim descobrira, onde arrastava as minhas preocupações, os meus desvarios, na prisão voluntária que escolhera e me era cara à força de melancólica, que eu amava por que me era hostil.

Ao meu ódio pela gente e pelas coisas, uma só coisa escapara — aquela carruagem a desconjuntar-se, pirilampo nas trevas da minha noite, nota suavíssima no concerto da minh'alma.

Tão igual era sempre a dor que me atormentava, tão parecidos rodavam meus dias, que o verão passou, sem que, olhando para trás, eu pudesse ver na estrada, que andei triste, o marco duma alegria, dum aspecto novo, duma miragem na vida.

Aquele amor, aquela quase paixão, que ao princípio as velhinhas me haviam inspirado, esse mesmo sentimento puríssimo afligia-me agora, à medida que o sentia crescer.

O tempo fora passando, e os cavalos cada vez choutavam menos, coxeavam mais, mais brancos, mais tísicos, mais dolorosamente meditabundos; o cocheiro mais corcovado, um pouco descaído na almofada, deixava pender o chicote; a carruagem tinha na frente umas tiras de papel sobre um vidro rachado; cordas, a que todos os dias se juntava um nó, ligavam os arreios; as velhinhas tinham menos palhetas douradas no olhar, quando me sorriam. E já me sorriam como a pessoa conhecida, que ocupasse na vida delas o lugar em que moravam na minha, o que aumentava a minha tristeza.

Agora, cada vez que lá no alto da calçada se afundava a carruagem, ficava cismando se teriam desaparecido de uma vez todos os meus sonhos, tudo — que era somente aquilo — quanto à vida me prendia.

O verão, muito lentamente, assim foi rodando, até que vieram as primeiras chuvas.

Que tarde turbida e melancólica! Se não viessem...! E de tanto pensar nelas, vi qual era sua pousada na minh'alma. Se não viessem...! Dia imenso em que, cheio de inquietações passei pelo quarto até entontecer, aproximando-me da janela a cada instante, vendo apenas na solidão da calçada a chuva a cair, a cair, rio enorme, que se despenhava até lá abaixo, rolando barrento, cheio de espuma, quebrando-se, saltando sobre as pedras arrancadas, bipartindo-se lá no fundo, desaparecendo na curva e galgando as escadinhas, onde se precipitava em cascata, com uma bulha monótona...

O doido, a quem a meia escuridão daquele dia exacerbara a fúria, torcia-se, berrava como um possesso; e logo de manhã espalhou-se pela casa o tal cheiro que eu detestava, de alfazema queimada, de alecrim e doutras ervas com que o demônio embirra.

Dia imenso, que me parecia não dever acabar!

Na minha imaginação exaltada via, como de então para cá vi sempre, um ente único naquela carruagem, com as donas, os cavalos, o cocheiro, como se uma só

alma os animasse a todos, não podendo desligá-los, abstrair duns para só pensar nos outros.

O dia vinha descendo e, ansioso, sentindo pelo ser fantástico que me fazia pulsar o coração aquele fervoroso amor que os encarcerados dedicam às vezes a uma formiga, a uma aranha, a uma plantazinha qualquer, com as unhas cravadas na carne do peito, tive uma das mais doidas alegrias da vida, quando senti sobre a lama que se alastrava de lado a lado, o rodar lento, abafado, porque suspirava semidoido.

Os cavalos gemiam, suavam, lançando pelas ventas baforadas densas. As sobrodas, ocultas pela lama que o cocheiro não evitava, cego pela chuva que o zurzia, faziam cambalear o trem como um ébrio. E lá dentro mal pude avistar, através dos vidros embaciados, as velhinhas que sorriam.

Abri a janela para as ver desaparecer. Julguei que nunca chegassem ao alto. O cocheiro com um gesto aflito brandia o chicote; os cavalos pegavam-se, ajoelhavam na lama; as molas estalavam

Chegaram finalmente. Disse-lhes um adeus magoado. E enquanto a noite descia, sentado junto da janela, parecia-me ver, como num sonho, a carruagem fugindo, fugindo, por uma estrada que não acabava nunca, levando no tejadilho, de pé, como os anjos dos coches de enterro, a figura da morte. E a chuva caía, e a noite embrulhava-se num véu muito negro, cheia de frio.

\* \* \*

Nunca mais as vi.

Passaram-se meses. Na terça-feira de entrudo uns mascarados bêbados, que desciam pela calçada, traziam adiante aos pontapés, em grande troça,, um chapéu de furta-cores, pequeno, de abas largas, arrombado, sem pelo, com um velho galão todo oxidado, velho, muito velho...

Boas e santas velhinhas!

*Requiem aeternam dona eis, Domine, et lux perpetua luceat eis.*



## NA BIQUEIRA

Ela tem uns olhos azuis tão bonitos!...

Mas se eu vi! Ele a olhar para cima... e ela a fazer sinaizinhos com o lenço!... Vi; ninguém mo veio dizer... Fui eu que vi!

E estas cartas que me escreveu! Talvez em nenhuma fale verdade. Esta última é toda mentira com toda a certeza. Quando a escreveu, já foi depois de ter polcado com ele... E chama-me seu anjo a infame!

Como pode um homem baixar até morrer por uma mulher assim! Morrer, sim, está resolvido... vou matar-me.

Meu pobre pai, coitado! Sempre com tantos sacrifícios por minha causa! O que dirá, quando souber que me suicidei? Pobre velhinho! I capaz de morrer de desgosto! Tinha vontade de lhe escrever; mas não tenho ânimo. Nem ânimo nem papel. Gostava de me despedir... O resto do papel ainda o gastei a escrever àquela desgraçada!

Ah! mas vou afinal vingar-me!... Hei de atribular-lhe a vida com remorsos!

Custa-me tanto morrer!... Dizem que só os cobardes é que se matam. E eu acho que é preciso ter ânimo, muito ânimo!

Mas está decidido.

Vou morrer enforcado... Dizem que não dói nada... Mas morrer! Quem foi que disse que não dói? Aqui está a corda. Exatamente do tamanho preciso para que, de manhã, quando ela abrir a janela, me veja pendurado, em frente dos seus olhos, na biqueira do meu telhado.

É preciso não hesitar... Infame! Mas que mulher tão infame! E tem uns olhos tão bonitos!... Que besta... o outro!

Bem! agora ponho-me a chorar! São saudades de meu pai.

Aquela biqueira tentou-me de zinco, parece muito forte, algum tanto virada para cima.

Vamos.

Está frio cá fora... Chovisca... A noite é escura!...

Ali estão as janelas do quarto dela, donde tanta vez olhou para mim, donde tanta vez me falou e me atirou beijos com as pontinhas dos dedos!... Que mentira! Agora faz o mesmo ao outro!

Está frio! Será bom vestir o sobretudo.

Assim estou melhor, mais conchegado... para morrer!

Cá estou outra vez a chorar!

Amanhã, quando abrires as tuas janelas, hás de ver, mesmo em frente, o meu corpo, balouçando-se ao vento soturnamente.

O pior é se fico com a língua de fora... J tão feio uma língua de fora! Eu fico tão feio!... E os olhos...! Os olhos dum enforcado...!

Mas está decidido, está decidido. O enforcado é o mais limpo dos suicidas.

Se não fosse o medo já lá estava. Um suicida é um valente!

Atemos a corda. Mau! o telhado escorrega...! Se eu caísse lá abaixo!... Só pensá-lo me arrepia todo!

Dali é que ela erguia os olhos tanta vez para a minha trapeira!

Devagar... Assim... Parece-me que o laço está bem dado... Quase que não vejo com as lágrimas... Está bem dado, está; está seguro.

O melhor é descer pela corda, e depois, lá embaixo, quando tiver chegado ao fim, meto o pescoço no laço, segurando a corda, devagarinho, muito devagarinho... e deixo apertar.

Como é triste morrer assim tão novo, tão cheio de vida!... Morrer!... Chega a ser estúpido...! porque afinal eu tinha um futuro talvez brilhante... Um praticante de farmácia... Morrer assim tão novo!

Mas como isto faz chorar!

Está frio!

Ela dorme...! Se adivinhasse...!

Não pensemos mais nisto. Sejamos homem!

Devagarinho...!

Estou suspenso sobre o abismo! Uma altura de cinco andares...! Sinto um frio na espinha...! Se as mãos se me escapassem...!

Não me despedi bem do meu quarto. Devia de voltar para cima. Afinal fui ingrato com ele. Tive ali momentos bons.

A corda dá-me cabo das mãos. Devo estar quase na ponta... Cá está o laço, Estou mesmo, mesmo em frente das janelas. Se me balouçasse um bocadinho, tocava-lhe com a ponta do pé nos vidros.

Púnhamos o laço ao pescoço. Foste tu, mulher devassa, que me fizeste esta gravata!... Agora deixemos apertar devagarinho.

Apre! E áspera a corda!

E horrível morrer-se assim! Se ela me visse, se arrependesse e me salvasse!

Já tenho os braços cansados...! Que tentação de voltar para cima!

Morrer...! Mas é uma desgraça!... uma tolice!

Hein? Que é isto? Pareceu-me sentir estalar o zinco da biqueira!...

Talvez fosse engano... Mas o melhor é voltar... verificar...

Não, não é engano, que horror! Estalou, é certo. Ao mais pequeno movimento estala e dobra! Se verga demais, o laço escorrega e eu esmigalho-me lá embaixo nas pedras da calçada.

Quem me ac...!

E se ela aparece à janela?

Doem-me os braços, já não posso mais!

Mas então é certo!... Mas então vou morrer! Mas não quero, dessa morte horrível não quero!

E não poder subir...! Talvez com um esforço grande, apoiando os pés à parede...

Mas o zinco estala cada vez mais, dobra-se todo...!

Se eu batesse as palmas ao guarda-noturno...? Mas como? Para bater as palmas seria preciso largar a corda...

Se me pudesse segurar com uma só mão, despir-me com a outra e bater as palmas no...

Mas nem sei o que penso! Não posso suster-me só com um braço... Sinto faltarem-me as forças!... E se ela abrisse a janela e me visse nessa posição ridícula?

Agora é que é certo! agora é que tenho de morrer!... E ninguém, ninguém me salva!

Tenho as mãos a arder; não posso mais.

Quem me dera ter ânimo para gritar!...

Ainda que queira subir já não posso...

E o zinco verga cada vez mais, ao mais pequeno movimento!

Parece-me que sinto passos...! É preciso estar muito quieto...! Valha-me Deus! O laço já correu um bocadinho...

Os passos aproximam-se... É uma patrulha!

O camaradas!... camaradas!... Pchiu!

Não são ladrões que tenho em casa, não senhor. Não vêm que estou pendurado?... Acudam depressa!... O zinco está todo dobrado! Depressa!... Sim, senhor, acompanho-os à esquadra.

E o laço a escorregar!...

Depressa! A porta lá embaixo está aberta.

É só preciso arrombar a cá de cima.

Tolice! Por que não a deixei eu aberta também?

E se alguém me quisesse acudir?

Os passos aproximam-se...

Graças a Deus!... está a porta arrombada!

Acuda! acuda depressa!

Obrigado camarada!... Não ponha o pé no

Meu Deus!

O meu pai, coitadinho!

Que horror!

Ela tem uns olhos azuis tão b...!

\* \* \*

Ora isto não quer dizer nada; mas então por que foi que só nessa ocasião é que ele embirrou com o grilo que fazia gri, gri?

## O MIMOSO

Esta frio — dizia ele subindo o Chiado.

Era um homem de 40 anos, magro, quase cadavérico, de melenas tão compridas e tão esquecidas de pente que se lhe emaranhavam nas barbas, de olhos negros, encovados, de olhar oblíquo e desconfiado, a luzirem com fome por cima das olheiras papudas.

Era no inverno e ele com a mão ossuda, engrifada, apertava contra o peito a sobrecasaca rota, sem botões. Não trazia colete e a camisa era um frangalho. Como se precisa ter gravata para entrar nos passeios, onde não desgostava de ir à tarde apanhar um bocado de sol, trazia um pedacinho de pano azul pregado no colarinho sem goma com um alfinete de ferro. As botas rotas, sem tacões, tinham, a tapar-lhes os buracos, camadas sobrepostas de lama seca.

Parou à porta do Baltresqui.

Um janota sentado a uma das mesinhas do café, diante de uma garrafa de Père Kermann, aspirava o fumo aromático de um charuto pequenino. Passados momentos, tirou o relógio da algibeira, viu as horas, engoliu de um trago as últimas gotas do cálice e, chamando o criado pelo nome, atirou-lhe uma nota de dez mil-réis. Quando o criado voltou com o troco, levantou-se deixando o cobre em cima da mesa.

— Muito obrigado, sr. visconde — disse o criado, dando-lhe piparotes na manga do sobretudo suja pela cinza do charuto, que o visconde quebrara na borda da mesa.

— E um visconde — observou distraidamente o homem das botas rotas.

E como o visconde voltasse para cima, seguiu-o à espera que deitasse fora a ponta do charuto. Ia apertando a sobrecasaca contra o peito e invejando o casaco do visconde, comprido, felpudo, de grande gola, que se podia levantar e abrigava as orelhas do frio.

O visconde subia o Chiado devagarinho, com as mãos nas vastas algibeiras, tirando do charuto abundantes fumaças, com aquele sorriso de satisfação, que dá a certos par-vos de bom estômago a digestão de um bom jantar.

O pobre diabo tinha fome. Almoçara na véspera; depois não tinha comido.

Mas o que mais o apoquentava era o apetite de fumar.

O fumo adormece a fome e expulsa a melancolia. Pode-se dormir, quando se tem um cigarro na algibeira e o fumo de um outro enchendo o quarto. O tabaco é o veneno rei dos venenos, um elixir que mata lentamente, que embriaga, que sossega os nervos que enfraquece a memória e dá às pernas uma preguiça deliciosa, que faz achar boa a cama pela manhã, quando o ar está cheio de neblina e na rua afogada em lama se ouvem os pregões e o sussurro dos que têm que fazer, dos que trabalham.

— Por isso Deus, que afinal é bom — ia o homem pensando — encheu as ruas de pontas de charuto para os homens e de talos de couve para os cães, que não fumam, que não têm que esquecer, que são tolos.

Mas a noite estava chuvosa e as pontas de charuto não se viam, enterradas na lama pelas rodas das carruagens. Por isso seguia o ricaço, ansioso pelo momento em que o charuto havia de cair espalhando em torno uma chuva de faisquinhas.

O visconde parava de vez em quando, apertando a mão aos amigos que desciam.

— Então que se faz? — perguntavam-lhe.

E ele só encolhia os ombros como resposta àquela pergunta ociosa e tola. O homem notou:

— Pois ele não terá nada, mesmo nada, que fazer?

Comparou-se com o visconde e sentiu uma certa vaidade.

Porque ele trabalhava, fazia alguma coisa. Se lhe perguntassem o quê, talvez não respondesse logo, assim sem pensar, sem examinar um instante com olhar desconfiado o fim com que lhe faziam a pergunta. As vezes, quando se levantava, não tinha de comer; era preciso arranjar-lo e arranjava-o. Era talvez pouco escrupuloso; isso sim.

— Mas — pensava — para se terem delicadezas é preciso alguma coisa na algibeira.

E isso era raro, muito raro.

Decididamente, se alguém lhe perguntasse: Então que se faz? — havia de responder como o visconde, encolhendo os ombros.

Depois, como se toda esta cadeia de pensamentos o tivesse conduzido a uma conclusão certíssima, olhou para o janota, a rir-se, com certo ar maganão, e exclamou baixinho, como quem faz uma descoberta:

— Olá!

E, apontando com o dedo polegar para o visconde, disse piscando o olho a si mesmo:

— E cá dos meus.

Chegado à rua Nova dos Mártires, o visconde parou um instante, tirou o relógio da algibeira e, aproximando-se de um candeeiro, tornou a ver as horas. Esteve um momento como que indeciso sobre o que havia de fazer; por fim dobrou a esquina e dirigiu-se para S. Carlos.

Tirou as luvas da algibeira e começou a calçá-las.

— Quando deitará ele fora o charuto? — pensava o homem.

Mas de repente afirmou a vista e os olhos faiscaram-lhe: o visconde ao tirar as luvas da algibeira deixara ficar o lenço com a pontinha de fora.

Contraíu um pouco as sobrancelhas meditando.

Valeria a pena um lenço? Tinha fome. Aquele lenço representava talvez a ceia. Seria triste na verdade; o que poderia valer um lenço?

Estendeu o lábio inferior.

Era preciso tomar uma resolução.

Ora, adeus! Mais valia do que morrer de fome.

Aproximou-se nos bicos dos pés.

Olhou para todos os lados. A rua era deserta.

O coração bateu-lhe um pouco. O visconde podia senti-lo, defender-se, gritar, e ele iria preso, com fome, e passaria a noite a tiritar de frio, fechado num calabouço.

Ânimo!



Meteu a mão esquerda por debaixo da aba do sobretudo.

O visconde cantarolava:

*C'est q'çá gli... iiis... se.*

Vitória! O lenço era dele!

O homem não tinha sentido nada e acabava a copia:

*Encore un qui n'l'aura pas*

*La timbale*

*La timbale.*

\* \* \*

Um lenço! Ia finalmente comer. Tinha ganho o dia.

E o lenço era um bom lenço, muito branco, muito novo.

Mirou-o e remirou-o.

Não tinha uma só passagem e era de seda.

Era de seda! Queria dizer que representava talvez mais do que a ceia.

Quanto poderia valer aquilo?

O homem chegou-se a um bico de gás e pôs-se a olhar. De vez em quando, coçava com a unha a asa do nariz, sinal certo de dúvida.

O Gomes é que lho poderia dizer, O Gomes era muito entendido; um pouco ladrão, mas muito entendido.

E já esquecido do visconde e do charuto, voltou e dirigiu-se para a Calçada do Duque.

A casa de penhores era à esquerda, uma casa pequena, asfixiante, cheia de fato até à porta.

O Gomes estava por detrás do balcão, encostado aos livros, com a sua suíça à inglesa, a caneta atrás da orelha, e o seu sorriso protetor.

Um candeeiro de petróleo, com vidro sujo e luz econômica, alumiava fracamente as roupas inúteis, que nas prateleiras até ao teto esperavam tristemente pela traça ou pelo próximo leilão.

Uma guitarra sem cordas pendia de um prego ao lado de uma serra. Do outro lado, o retrato de um bom velho burguês e calvo, com a barba cerrada, ar de pessoa de bem, e um botão de ouro, quadrado, no peitilho da camisa, sorria com bondosa satisfação para um cacho de botas velhas, que, suspensas do teto, se lhe balouçavam a dois palmos do nariz. Tinha valido um dinheirão, valia agora cinco tostões.

O homem parou à porta e pôs-se à espreita.

— Muito boas noites, sr. Gomes.

— Olá!

— Dá licença?

Atirou o lenço para cima do balcão.

— Faça favor de ver isso.

E, à espera que o exame do lenço acabasse, entreteve se a olhar para uma borboleta, que esvoaçava em torno do candeeiro.

O Gomes desdobrou o lenço, sacudiu-o, levantou um pouco a torcida e começou um exame minucioso, palpando, virando e revirando a seda.

— Isto de bordados... Um A e uma coroa...

E o Gomes sorriu-se, esforçando-se por ter um ar inteligente.

— Foi o sr. visconde que mo deu para o empenhar — disse o outro, encolhendo os ombros com impaciência.

— Pois, amigo, diga ao sr. visconde que isto pouco valor tem. O bordado é bom, o bordado tem valor; mas a quem pode isto servir? Quer três tostões?

— Traste...! — resmungou o homem. — Então só vale...? O sr. Gomes, olhe que roubar é feio. Faça favor de reparar que é de seda.

O Gomes, desdenhoso, atirou com o lenço.

— Dê-me um cruzado e vou-me embora.

— Homem, você parece que não sabe quem eu sou!

E pôs 12 vinténs em cima do balcão.

— Traste! — tornou a resmungar o homem, pegando nos 12 vinténs e encaminhando-se para a porta.

— Quer cautela? — perguntou o Gomes com ar de brincadeira, já desmanchando o bordado com o bico duma tesoura.

— Nada. Obrigado. O sr. visconde não me falou em cautela.

E saiu sempre a resmungar.

\* \* \*

Poucas horas depois, estava estirado ao pé duma sarjeta.

Caía uma chuva miúda e fria e ele sonhava.

Sonhava que tinha roubado um lenço de seda, duma seda muito fina, tão fina que nem o Gomes sabia ao princípio o que lhe havia de dar pelo lenço. E tinha-lhe dado a loja toda, as botas, a guitarra, o ouro que estava na gaveta do balcão, o dinheiro que estava na cômoda, tudo. E ele era rico. Andava de trem e bebia no Baltresqui uma coisa com bolhazinhas a subirem e que fazia soltar as rolhas das garrafas. Os janotas do Chiado tratavam-no por tu e os gaiatos davam-lhe dom. O visconde era muita amigo dele e oferecia-lhe charutos magníficos, que roubava a um estanqueiro muito velho da rua dos Canos. Tinha um sobretudo cor de canela, muito quente e andava de luvas. Morava num palácio e tinha na sala o retrato do velho que estava na loja do Gomes, e que era pai dele, e do outro lado estava o retrato do outro pai, do que tinha conhecido, do que lhe dava pancadas quando ele era pequeno. E o Gomes vinha pedir-lhe esmola. Estava muito magro. O lenço não era de seda, era de papel. E ele tinha um cão muito grande, com olhos de lume, que mordia no Gomes, e o Gomes chorava.

— Leva arriba!

Um policia de voz áspera acordou-o com um pontapé.

E, como o homem resmungava, meteu-lhe a mão por debaixo dos braços e obrigou-o a levantar-se.

— Marche adiante e nada de cerimônias.

Fora dia de grande gala e as luminárias morriam nos preguinhos do governo civil.

O homem percebia tudo um pouco vagamente. Sentia-se empurrado e via as luminárias.

Aquilo entristecia-o.

Perguntaram-lhe o nome e ainda teve forças para murmurar com voz avinhada:

— Francisco Antônio, o Mimoso.

Quando, pela madrugada, acordou, cheio de frio e de fome, meteu a mão trêmula na algibeira das calças e murmurou com voz triste e arrependida:

— Fiz mal.

E depois dum instante de reflexão:

— Devia ter comprado um maço de cigarros.

## O MEU REVÓLVER

Em dezembro. O sol morria depois de curta vida. A tarde era fria e o vento cortava.

Triste, cansado, depois de um dia inútil, voltava para casa silenciosamente, mastigando um charuto insuportável.

Pesava-me como cruz de ferro a ociosidade que não pudera combater.

A melancolia apoderara-se de mim. Envolvia-me a alma como que num lençol úmido e frio.

Bandos de operários voltavam do trabalho alegres, sossegados, interrompendo com cantigas de fado as conversações políticas.

Irritou-me a alegria deles.

Eu caminhava de cabeça baixa; mas só mal definidos pensamentos se atropelavam no meu espírito, sem razão, como sucede nos sonhos inquietos.

Vagas saudades do passado, desejos mal definidos de outro tempo... Tudo triste, triste.

\* \* \*

Subi a escada íngreme, que levava ao meu quarto andar, e achei-me em casa, sem quase me lembrar do caminho que seguira.

Os últimos raios de sol entrando pela janela entreaberta morriam, faltos de forças, alumando fracamente uns velhos retratos de família, imóveis, havia muito, nas molduras carunchosas.

Estava só.

Ainda bem.

Puxei de uma cadeira e sentei-me á janela, resolvido a esperar com paciência a noite, que ao mesmo tempo desejava e temia.

A atmosfera era úmida e pesada.

Na rua havia profundo silêncio.

O ocidente, carregado de nuvens negras, orladas por uma franja dourada, parecia o pano enorme dum caixão de gigante.

As nuvens cresciam impelidas pelo vento da barra, ameaçando breve toldar o céu.

Luziu a primeira estrela.

Contemplei-a com amor, lembrando-me de que ainda ninguém àquela hora tivesse dado por ela. Estaria talvez no céu brilhando tão-só para mim.

E senti não sei que satisfação íntima com aquela idéia: para mim só.

Pus-me a contemplá-la com amor, a falar-lhe como um poeta; e ela consolou-me, e, durante toda aquela tarde, foi este o único momento em que tive amor à vida.

Um empregado do gás passou pela rua acendendo os candeeiros e assobiando uma polca.

Ouvi uma voz por cima da minha cabeça.

— Menina Maria! Menina Maria!

Era o meu vizinho da trapeira, um empregado de uma casa de penhores, feio, bexigoso e raquítico.

— Está o gás aceso. São horas de começarmos a conversar.

Numa janela do outro lado da rua apareceu a cabeça pálida de uma rapariga, que de dia namorava o boticário e de noite conversava com o bexigoso.

— Muito boas noites.

A menina Maria começou a fazer-lhe sinais querendo dizer, creio eu, que adiasse para mais tarde as declarações de amor, fosse eu ouvi-las.

— O quê? — perguntava o bexigoso. — Não percebo. Pena estar o tempo de chuva.

— É pena, é! Pouco poderemos conversar. Daqui a pouco... Olhe, não vê? Estão as nuvens quase tapando aquela estrela.

E apontou para a estrela, que fora até ali o meu enlevo.

Dei um murro no parapeito da janela e fechei-a desesperado.

\* \* \*

A nuvem negra, para provar que o bexigoso não era tolo de todo, deixou cair como prólogo de maior chuveiro, uns poucos de grossos pingos de água, que vieram bater tristemente nos vidros da janela.

Acendi o velho candeeiro de azeite e recostei-me numa poltrona de oleado, onde dei largas aos merencórios pensamentos.

Decididamente odiava vida.

E que me prendia a ela? Fora uma cadeia de ouro a outros tempos, mas viera a desgraça quebrar-lhe, um a um, os elos todos.

— A morte!

E maquinalmente puxei do revólver.

Era uma joiazinha americana, bonita, de sistema engenhoso, com fechos de prata, que me saíra num bazar de caridade.

— Eis o remédio para quantos males se sofrem no mundo — pensei. — Uma pouca de coragem, um pequeníssimo movimento... e nada mais é preciso.

Comecei a brincar com o gatilho.

— De que serve uma vida a que pode dar fim coisa tão pouca?

E, como para convencer-me de que não havia nada mais fácil, aproximei da boca o cano do revólver.

E vi que tinha medo e que me repugnava a morte.

Lembrei-me do frio da terra e do contato da carne com os corpos frios e moles dos bichos nos cemitérios. E requintei na fantasia as sensações da longa fileira dos rígidos cadáveres, que via dormindo na vala comum o sono doloroso da morte.

Passou-me um calafrio pelo corpo, ergui-me, levantei a gola do casaco e comecei a passear pelo quarto.

Os velhos retratos metidos na sombra da bandeirola pareceram-me espectros. Um, sobre todos, lembra-me, causou-me horror estranho, naquela noite.

Era um cônego velho, gordo, sem barba, com uma coroa de cabelos grisalhos em torno duma calva lisa e amarela. Tinha uns olhos azuis, pequeninos, que se fitavam na gente para onde quer que se fugisse.

Quando eu era pequeno, tinha um dia virado o cônego de cabeça para baixo, para ver se assim parava a perseguição do seu olhar. Meu avô, que naquele momento entrara no quarto, ralhou muito comigo, que fora uma falta de respeito, que o cônego era meu tio, que fora homem de muito saber e que até compusera uma gramática latina com a prosódia em verso.

E eu, que detestava a prosódia e o latim, comecei desde logo a detestar o tio.

Naquela noite pareceu-me que os olhos azuis e pequeninos cintilavam, fosforescentes.

Recuei com um calafrio, procurando fugir ao pesadelo.

E os seus olhos pequeninos, azuis, fosforescentes continuaram a seguir-me com pertinácia.

Passei a mão pela testa e trouxe-a úmida de suor frio.

Dei volta à bandeirola do candeeiro e, cheio de falsa coragem, aproximei-me do retrato.

Estava louco!

— Sou um covarde! Tenho a cobardia duma criança — pensei.

Fui ao armário de pau preto, envidraçado, onde tinha uma garrafa com um resto de absinto.

Um caruncho, com aquele ruído monótono e compassado, que tanto se ouve nas casas velhas, incumbira-se da agradável tarefa de esfarelar uma prateleira.

E eu sentia dentro em mim uma tempestade! E se me tivesse suicidado, se junto daquele armário se houvesse passado um drama horrível, ele teria placidamente, com a maior indiferença, continuado a morder voluptuosamente a madeira ressequida, em sua obra de destruição.

Abri a garrafa. Bebi sofregamente.



Pela segunda vez aproximei da boca, voltando as costas ao cônego, o cano do revólver.

Senti abrir-se a janela do bexigoso e ouvi-lhe a voz esganiçada:

— Menina Maria! Parou a chuva.

Salvou-me a vida. Escutando-o, quis despedir-me da voz humana. No curto momento, em que o meu antipático vizinho levou a dizer aquela frase, entrou-me n'alma o receio.

Decididamente sou um covarde, um grande covarde! Preciso beber.

E saí, metendo o revólver na algibeira.

\* \* \*

Pela segunda vez na vida o bexigoso falara sem dizer tolice. Efetivamente cessara a chuva, e apenas umas nuvens brancas, com grandes manchas duma cor mais carregada, formavam castelos fantásticos, entre os quais corria a lua a toda a brida.

Ao dobrar duma esquina encontrei um amigo.

— Aonde vais? — disse-me. — Até S. Carlos?

Pareceu-me ofensa a pergunta e estive para responder-lhe:

— Não, vou matar-me.

Mas não quis. Dizer-lhe para quê? Se não podia perceber-me?

— Vou sem destino — disse.

— Já jantaste?

— Ainda não.

— Jantaremos juntos nesse caso.

E deu-me o braço e começamos a descer a rua.

E eu ia pensando com uma certa alegria no jantar e comecei a ver a morte sob outro aspecto: o suicídio depois de bem comido, numa sala bonita, quente, alumiada fortemente por dois lustres de gás.

Que diferença! Que admirava que me tivesse faltado a coragem naquele quarto frio e úmido quando eu estava possuído da tristeza da fome? Frio e fome por toda a eternidade!...

Entrei no hotel cantarolando um bocado da minha ópera favorita.

Defronte de nós uns americanos bebiam champanha, *veuve* Cliquot.

Grande vinho, o champanha! não achas? — disse o meu amigo.

— Magnífico

— Havemos de vir bebê-lo aqui um dia destes pena não poder ser hoje.

— Por quê?

Não respondeu e corou até às pontas das orelhas.

E eu achei que para dar coragem nada havia como o champanha.

E pus-me a passar revista a todas as suas boas qualidades, e por fim achei que eram tantas e tantas, que, esquecido da morte... fui pôr o revólver no prego.

## O PRIMEIRO SORRISO

Mal se tinham acendido as luzes no Coliseu, quando ele entrou devagarinho, triste, um pouco asmático, meneando a cabeça pálida.

Parece que mais lhe pesava a corcunda naquela noite.

Andando pelo corredor estreito, que divide os camarotes dos lugares mais baratos, foi encostar o queixo à teia de pinho, pintada de branco, junto do caminho atapetado, que a cantora devia seguir do camarim para o palco.

Era uma artista célebre a que se estreava. Com oito dias de antecedência tinha-se espalhado com profusão pela cidade, colado aos vidros das portas dos armazéns de música, pendurado em quadros às esquinas das ruas, o retrato litografado de *mademoiselle* Eva d'Avenay.

Um dia, o corcunda, passeando depois do jantar, como costumava, pela rua do Ouro, erguendo a cabeça, deu, de súbito, com um daqueles retratos na loja dum livreiro.

Parecido ou não, representava uma mulher lindíssima. Ficou extático um momento; sentia tremer-lhe o coração um pouco, e como que dois dedos apertarem-lhe amorosamente a garganta.

Entrou envergonhado, e com voz sumida perguntou ao caixeiro se aquilo se vendia.

— Um tostão.

Ele que nunca olhara para mulher senão cá de muito baixo, coitado, assentado no meio da espinha as abas do chapéu, que (fato pouco vulgar) por detrás é que amoleciam, podia finalmente, por um tostão (barato!) contemplar uma mulher bonita á vontade, sentado comodamente, sem ser visto e sem ter de corar.

Quando saiu da loja, levando na mão o rolinho de papel pardo, que embrulhava a litografia, caminhou mais depressa, quase alegre, menos asmático.

Chegou a casa, desdobrou o retrato sobre a mesa, encostou nela os cotovelos, e com as fontes apertadas nos punhos cerrados, passou parte da noite em contemplação da estranha formosura.

Parecia-lhe que afinal aquela mulher tinha que refletir para ele uma parte de tanto amor, que todo lhe estava dando e que era o primeiro que sentia.

Desejos haveria tido, mas amar... Quem? Se, quando passava, todos se riam e ninguém, ninguém jamais sorrira para ele!

Quando recordava tempos longínquos, via, como através de um nevoeiro, uma mulher a quem ele estendia os bracinhos magros, que se lhe debruçava sobre o pequenino berço — tão pequenino! — e que o envolvia nutria atmosfera de amor, beijando-o muito. Mas essa mulher também não sorria... chorava.

Chorava naturalmente de vê-lo tão fraquinho, tão feio, tão enfezado. Se o visse agora, cheio de rugas precoces, com os cabelos alvejando-lhe nas fontes, e triste sempre, sempre tão triste!

Por isso contemplava aquele retrato, como se fora possível aquela mulher loira, voltar a cabeça no papel e enviar-lhe, só para ele, aquele sorriso que, por todas as esquinas, por toda a parte, ela enviava... para quem? — para coisa nenhuma; que o retrato era a três quartos e ninguém sabia para onde olhava.

\* \* \*

Os porteiros, cada um à sua porta a receberem os bilhetes, cantarolavam os bocejos e assoavam-se com estrondo para espertar. O teatro continuava às escuras.

Um homem gordo entrou devagar, com as mãos nas algibeiras do colete, assobiando por entredentes. Sentou-se, deitou as pernas para cima da cadeira que lhe ficava defronte, pôs o lenço entre o pescoço e o colarinho e, tirando um palito da algibeira, pôs-se a espalitar os dentes, com um ar maçado.

Duas ou três filas mais adiante, um outro abanava-se pachorrentamente com o chapéu, virando um bocadinho a cara para lhe ir o fresco às orelhas.

Conheciam-se e começaram conversando em voz alta:

— Olá, conselheiro! Então também deitou até cá?

O homem gordo encolheu os ombros:

— Não há mais nada que fazer!

E depois de espalitar um bocado:

— Que isto cheira-me a fiasco.

— Ora! — disse o outro com ar convencido e para estar de acordo. — A tal mulher...

— A gente cai em cada uma...! — terminou o conselheiro.

E, encostando a cabeça para trás, deu largas a um bocejo formidável.

Um arrumador, que passava naquele instante, sorriu-se adulatoramente, curvando-se muito.

— Senhor conselheiro...

— Adeus, seu José.

E fechou os olhos, como se estivesse dormindo.

Ah! se o corcunda não andasse tão rasteiro, se não fosse tão fraquinho, como perguntaria àquele homem, frente a frente, com que direito bocejava, quando ele estava ali sentindo o coração a estalar-lhe no peito!

Os músicos com os instrumentos dentro de saquinhos de chita, começaram a entrar, limpando o suor, resmungando árias, espreguiçando-se.

Deram oito horas. Chegaram umas carruagens a trote largo. O teatro encheu-se rapidamente.

Ouvia-se o sussurro das conversações e o ranger das varetas dos leques.

Os lugares junto da teia, a que se encostara o corcunda, eram da predileção de muitos; pouco a pouco foram-no empurrando e ele, apertado, aflito com a asma, que logo o atacou violentamente, ouvia por detrás umas risadinhas zombeteiras. Sentiu numa orelha bater-lhe uma bolinha de papel. Um velho mal-encarado, ao lado dele, estava de figa feita.

E resignado, agarrando-se aos balaústres da teia, esperava que fosse aquela noite a primeira feliz da sua vida.

Abriram as torneiras do gás e a luz jorrou de repente.

Houve um sussurro maior. Muitos, que ainda não se tinham visto, cumprimentaram-se. Os elegantes das cadeiras apontaram os óculos para os camarotes e começaram tirando os chapéus.

O teatro transbordava.

Os músicos afinavam os instrumentos.

Ouviam-se por entre as variações alegres da flauta as notas harmônicas das rabecas. O homem dos timbales batia notas surdas com a mão esquerda e apertava com a direita as escaravelhas.

Afinal entrou o regente, de casaca e gravata branca, cumprimentando os colegas, enquanto descalçava a luva.

Bateu na estante e ergueu alto o braço.

Houve uns schius! assobiados por alguns amadores, que a toda a sala impuseram silêncio.

O regente olhou para todos os músicos, demorou-se um instante e depois, descrevendo com a batuta um quarto de circunferência, fez sinal às rabecas, que logo começaram tocando muito piano, em uníssono.

Era com certeza *mademoiselle* Eva d'Avenay quem ali atraía a maior parte dos espectadores. Os conversadores pouco a pouco foram elevando o tom e, como as rabecas sozinhas continuavam tocando pianíssimo havia o que quer que fosse fantástico naquele maestro de grande cabeleira caindo-lhe até à gola da sobrecasaca, elevando alto, muito alto, a batuta, e deixando depois cair o braço a tremer, a tremer, comandando uns arcos que se mexiam como puxados por um só homem, mordendo cordas que não tinham som.

Decididamente o corcunda sufocava.

De repente, a um sinal enérgico do regente, os metais vibraram enchendo a sala de notas alegres, vivas, que num instante, como por encanto, cortaram as palestras.

Foi um relâmpago de alegria. O regente sorriu-se delicadamente e as rabecas continuaram sozinhas no meio da distração geral.

Um gaiato gritou lá de cima:

— Muito bem!

Tinham acabado felizmente.

A respiração do corcunda era um apitozinho.

\* \* \*

Instantes depois, corria-se uma cortina e encaminhava-se para o palco *mademoiselle d’Avenay*.

Houve um sussurro admirativo. Muita gente ergueu-se. Ouviram-se vozes:

— Abaixo!

Ela, já no palco, sorria impassível, cumprimentando o público, olhando em volta, muito serena.

Alguns entusiastas davam palmas.

O conselheiro olhou para o amigo e fez-lhe uma cara como quem diz: — de truz!

O regente muito amável curvou-se para a cantora e fez-lhe baixinho uma pergunta.

Respondeu que sim, muito risonha, muito amável.

As rabecas preludiaram.

Ela consertava o decote e alisava o cabelo na testa.

Era uma mulher em todo o esplendor da beleza dos anos, de elegância distinta e inteligente; alta, com o busto quebrado um pouco na cintura, o peito forte, braços admiráveis, ombros muito redondos, e nas costas, bem ao meio, uns dois ou três sinais, que pareciam ter-lhe sido dados, de caso pensado, pela natureza, para que ninguém julgasse que aquele busto era de mármore. Os olhos azuis tinham um olhar profundo e os cabelos loiros e finos emolduravam uma testa muito lisa, como de virgem de 15 anos.

Quando cantava, a boca simpática, fresca, sorria sempre, alegrando-se aos cantos com duas pregas infantis.

Do lugar onde estava, o corcunda via-lhe o perfil sereno, a longa trança dourada todo o vulto branco salientando-se na massa escura dos espectadores aglomerados nos degraus em anfiteatro do outro lado da sala.

Quando ela acabou de cantar, toda a platéia aplaudia, delirante.

O corcunda bem queria dizer — bravo! mas sumira-lhe a voz.

*Mademoiselle d’Avenay* cantou três vezes naquela noite e o delírio crescendo sempre!

Agradecia muito reconhecida, pondo a mão no peito, fazendo ranger a seda do vestido.

Já os músicos se tinham retirado, já o iluminador começava fechando as torneiras do gás e ainda novas ovações ecoavam na sala.

Ela tornava a subir ao palco, agradecendo, muito amável, sorrindo como no retrato, para o ar, para coisa nenhuma.

E por onde passava deixava no rasto um cheiro forte, bom, que embriagava o corcunda.

\* \* \*

Achou-se afinal sozinho.

Um família, que se tinham encontrado à saída, conversavam, enquanto as senhoras vestiam os xales e os homens acendiam os cigarros.

Que fazia ali o corcunda? Viera na esperança de que essa mulher ideal, como ele não sonhara poder haver no mundo, reparasse no pobre verme e do seu pedestal lhe fizesse a mercê dum olhar.

Mas nem ela o vira, nem ele pudera ajudar à ovação. Bem tinha deitado os bracinhos por entre os balaústres para aplaudir; se não fosse a asma, teria gritado: bravo! mil vezes. Mas se era tão fraquinho...!

Estava extenuado, meio morto; a cabeça estalava-lhe.

Sentou-se num dos degraus da geral e escondeu o rosto entre as mãos. Pouco a pouco, ia perdendo a memória do que se passara, conservando apenas a consciência de que era um desgraçado.

Acordaram-no uns passos de mulher.

Ergueu a cabeça.

*Mademoiselle* d'Avenay, toda embrulhada em rendas brancas, saía do camarim muito risonha, conversando com uma velha, que a acompanhava.

Levantou-se. Ela tinha de passar por ali e ele tremia. Quase sem forças, desvairado, mal pôde pronunciar:



— Bravo! Bravo!

Ela parou um pouco assustada. Vendo-o tão pequenino, na meia escuridão, julgando-o provavelmente uma criança, tocou-lhe com dois dedos na cara. Mas, picando-se nas barbas, retirou a mão e disse:

— *Pardon, monsieur.*

E quando passou... sorriu-se para ele.

## O VENTURA

Quando começou de namoro com a Maria Eduarda, ainda não havia carreiras de vapor. Faziam apenas concorrência aos catraieiros de Belém os ônibus imensos da companhia, que de meia em meia hora passavam, chocalhando por aquela estrada afora até ao Pelourinho, uns 20 passageiros, a seis vinténs por cabeça.

A vida de barqueiro não era então das piores; e o José da Anastácia com o seu bom gênio constante e o sorriso obsequiador, em que mostrava os dentes amarelados pelo tabaco, quase da cor do rosto requeimado pelas soalheiras do Tejo, conquistara as simpatias de muitos, que preferiam o bote dele e a viva conversa do algarvio, a velocidade pacata dos churriões da companhia.

Era vê-lo quando, por exemplo, tinha de transportar até ao Terreiro do Paço a família do conselheiro, azafamado, logo desde manhã, lavando o bote, arranjando o toldo, remendando a bandeirinha portuguesa, dádiva das meninas, e que flutuava lá no alto, no ângulo de vela, com mais donaire e, com o ser pequena, mais orgulho que a bandeira branca de cruz vermelha duma nau da Índia.

O conselheiro, muito amigo dele, nunca lhe chamava senão o Ventura. Tinha-lhe ficado a alcunha. E bem a merecia, quando, sentado ao leme, com a mão junto aos sobrolhos e os olhos piscos por causa do sol, todo cheio de si e do seu barco, sorria satisfeito, vendo a bandeirinha a flutuar lá em cima, e a proa do bote, um pouco tombado, riscar o espelho azul, em que as ondas só lá muito longe se encarneiravam, nas Bailadeiras, unto ao Pontal de Cacilhas.

E os véus azuis das filhas do conselheiro esvoaçavam alto, erguidos pelo vento.

A volta, como não havia pressa, preferiam vir a remos. O José, para entreter, contava histórias e fazia reflexões, que as meninas aprovavam, meneando lentamente a cabeça, sentadas uma de cada lado do barco, fitando os olhos nas margens do Tejo que deslizavam lentamente. E ele, fincados os pés no banco dianteiro, de mangas arregaçadas, deixando ver os músculos possantes dos braços cabeludos, duros como seixos e palpitando com o esforço, sorria numa felicidade santa e levantava compassadamente os remos, donde caíam enfiadas de pérolas, que os últimos raios de sol cravejavam de pontos luminosos.

A Anastácia, uma velhinha, que morava numa água- furtada, quase ao cimo da Calçada da Ajuda, benzia-se reconhecida cada vez que o José entrava em casa, atirando para cima da mesa os ganhos do dia; e, pegando na cabeça do filho com ambas as mãos, enterrando os dedos rugosos na basta grenha

emaranhada, beijava com ânsia, mil vezes, sobre os cabelos secos e duros, o amparo querido da sua viuvez.

Ele, um homenzarrão com vinte e tantos anos, adormecia, logo depois da ceia, com a cabeça reclinada no colo da mãe, cansado, mas feliz, contente naquele ninho.

— José, vamos, acorda — dizia ela, dobrando o serão, quando na torre da Boa Hora batiam vagarosamente as dez.

O José levantava a cabeça e passava a mão pela nuca, cheio de sono.

— Que é isso homem? Põe-te em pé, pedaço de mandrião!  
Com os olhos meio cerrados, encadeado, dirigia-se então para o quarto, murmurando:

— Sua bênção, minha mãe.

E não pediam a Deus senão um futuro de dias assim.  
Pelos fins de outubro, uma tarde, o José lembrou-se de deitar por ali afora, até Monsanto.

la passeando devagarinho.

O vento soprava do noroeste. Ao meio-dia tinha dado aquela volta, e o José achava-lhe jeitos de querer saltar para a barra. Quando chegou ao cimo da serra, viu o Bugio rodeado de espuma e as ondas caindo alto, lá por detrás, ao pé da Costa.

Diabo do inverno! Começava cedo.

O sol descia. O José parou um bocado a vê-lo mergulhar na espuma.  
Começou soprando mais rijo o vento e, quando o sol desapareceu, fechava o horizonte uma listra negra, franjada de ouro, que ameaçava engrossar.

Pois paciência! Felizmente lá estavam na gaveta as economias do verão. Todos os anos havia inverno e na casa dele nunca houvera fome, graças a Deus.

E o José levou a mão ao barrete.

Sentia-se feliz, não tinha cuidados, o dinheiro entrava-lhe pela porta dentro; teria até demais, se fosse a comparar, porque a ele nada lhe faltava e a muitos faltava tudo.

Lembraram-lhe então certas histórias.

Aquela mulher a quem uma vez alugara o bote, porque a encontrara a chorar no largo. Tinha deixado os filhos sozinhos em Caparica e estava ali com um vintém na algibeira; e ele alugara-lhe o bote pelo vintém, que aceitara, porque não queria envergonhá-la. E outra vez que ele se escondeu para o conselheiro o não ver e alugar o bote ao tio Mateus, que havia dois dias não trabalhava e tinha a filha doente em casa, a tossir, a tossir, e ele sem dinheiro para lhe comprar o cáustico?

Havia tanta pobreza!

Ele, nada lhe faltava e até na algibeira trazia quase sempre uns cobres, para o que desse e viesse.

E como levava sede, entrou numa taberna e pediu dois decilitros.

O taberneiro tinha saído. Foi a filha quem veio servir.

O José ficou um pouco enleado a olhar para a rapariga, quando esta lhe trouxe o copo transbordando, deixando cair no pires de barro grosso, branco, riscado de azul, um pouco de vinho em que ela molhava a unha do polegar.

Para o gosto dele nunca vira mulher assim!

Levou a mão ao barrete, e disse com a sua educação costumada:

— Muito obrigado.

E ficou-se a olhar para ela, um pouco apatetado, querendo falar e não lhe ocorrendo nada, sentindo como que um nó na garganta e um véu no entendimento, que o apoquentavam.

Era uma rapariga alta, magra, de cabelos castanhos muito finos, muito compridos, separados no alto por uma risca estreita, mostrando o casco branquíssimo; a orelha pequenina; o nariz perfeito apesar duma pequena quebra; a boca um quase nada grande, com o beijo inferior saliente, e uns olhos azuis-escuros, que entonteceram o José, quando neles demorou os seus.

Do outro lado do balcão, de mangas arregaçadas, um pouco enleada também pela ingênua admiração que percebia causar àquele homem, lavava os copos num alguidar de zinco posto em cima dum mocho, colocava-os depois na prateleira de pinho pintada de azul, virando para o ar os fundos, onde, como auréolas, se alastravam grandes nódoas roxas rebeldes à limpeza.

A noite vinha-se aproximando. A taberneira raspou um fósforo na prateleira e, desviando a cara dos fumos do enxofre, acendeu o candeeiro de petróleo.

Muito boa noite — disse.

— Boa noite — respondeu o José, erguendo-se um pouco.

E nunca música para ele valera aquela voz.

O vento fora soprava rijo e o ramo de loiro à porta raspava na parede.

O José levantou-se e abriu o saquinho de algodão. Com voz sumida pediu por favor dois charutos cortados e pagou, levando a mão ao barrete, sem se atrever a mais palavra.

Por toda a estrada veio pensando na rapariga. Trazia-a indelevelmente fixada na memória,- e até nas mais pequenas particularidades, uns sinaizinhos espalhados pelo nariz e um outro sobre a pálpebra um pouco mais acentuado.

E repetia mentalmente, muito enlevado, as únicas palavras que lhe ouvira: — “Muito boa noite. Muito boa noite”.

A mãe estranhou-o. Em vez de adormecer para ali, depois da ceia, como costumava, pregou os olhos no teto, e ficou-se a mascar um bocado de charuto, a mascar, ora sério, ora sorrindo a alguma imagem que entrevisse, como quem faz castelos no ar, que os vê cair de repente e logo erguerem-se mais alto. Nem sequer reparou nos olhares perscrutadores que a mãe, de vez em quando, lhe lançava por cima dos óculos.

Mas de repente a pobre Anastácia deu-lhe o coração um baque. E ela que nunca se lembrara daquilo! pois não era certo que tarde ou cedo havia de acontecer?

E com um fundo suspiro de saudade pelo bom tempo que passara, murmurou com os olhos embaciados:

— Queira Deus que seja para bem.

O José encarou-a, despertado por aquela voz.

Ergueu-se e aproximou-se da janela, que abriu.

O vento soprava do sudoeste. Ao longe a barra roncava medonhamente. Grossas cordas d’água entraram no quarto.

— O inverno! — disse ele, fechando a janela.

A velha encolheu os ombros.

E depois, com certo ar malicioso, já conformada:

— Ainda agora para ti começa a primavera!

Pouco tempo durou.

Uma noite, o José sentou-se tristemente à proa do bote e remou devagar para o largo. Chegado a meio do rio, deixou os remos e, trançando a perna, fincando a barba no punho cerrado, deixou ir o barco na corrente. Pôs-se a olhar, sem as ver, para as mil luzes, que no quadro sobre as nódoas escuras dos navios brilhavam como lentejoulas no pano negro dos caixões. Estava triste o José naquela noite.

E quando reparou, à popa do barco, na alcunha dele — Ventura — pintada em grossas letras brancas sobre uma variegada rosa dos ventos, sorriu amargamente e murmurou com ironia: — Ventura!

O bote arrastado pela vazante passou para além da torre, e o José perdeu de vista os pontos luminosos do quadro. Apenas, ao longe, avistava um candeio balouçando-se sobre a facha projetada, tremeluzente.

Que tristeza aquela!

O bote corria para a barra e começava saltando na crista das ondas. Fazia frio, e o Ventura, encharcado, tremia.

De repente, o candeio desapareceu. Então o José ergueu-se, pegou novamente nos remos, virou o bote, começou a remar com força para o lado de Lisboa, arquejando, como a fugir dum perigo. Mas de novo deixou cair os braços, em grande prostração, e a cabeça inclinou-se-lhe sobre o peito. O bote virou devagarinho e continuou em seu caminho fatal.

O farol do Bugio circulava lentamente, e a luz fixa da torre de S. Julião parecia examiná-la com uma grande curiosidade idiota, nunca satisfeita, O bote passou entre os dois faróis.

As ondas marulhavam de encontro às bordas do barco, e a música delas era triste como o coração do Ventura.

E fora o conselheiro, o seu melhor amigo, quem lhe enterrara o primeiro espinho!

Ao princípio correra tudo menos mal. Muitos tinham medo do vapor, e mais que todos o conselheiro.

— Nada! — dizia ele ao Ventura, batendo-lhe com a mão no ombro. — Estes progressos são muito bons, mas cá para mim não servem. Um belo dia...

— Zaz!... Pum!... — concluía José, rindo muito e imitando com os braços um grande fogo de vistas, que era a caldeira a rebentar e, dez dias depois, o José cumprimentava-o com o seu melhor sorriso, e o conselheiro passava cheio de pressa, afogueado, levando as filhas a reboque, muito coxas com as botas curtas, fazendo todos sinais desesperados com os chapéus de chuva para o vapor que apitava, pronto a largar.

Bem lhe tinha dito o pai da Maria Eduarda:

— Muda de vida, José, ou prego-te a peça.

E, como o José não mudava de vida nem a caldeira rebentava, tinham pregado a peça ao Ventura.

Foi num dia em que o carteiro, pelo maior dos acasos, tinha ganhos dois tostões. E, em vez de os entregar à mãe, foi à loja da esquina comprar um colar de contas para levar à namorada.

— Está cá, menina Maria? — perguntou da porta com o coração a bater.

— Saiu — respondeu lá de dentro a voz do pai. — Queres-lhe alguma coisa?

— Nada — respondeu.

E ficou encostado à porta, esperando a noiva.

Lá dentro o taberneiro virava na frigideira as sardinhas que aloiravam, bailando e cantando uma cantiga festiva no azeite a ferver.

E o Ventura à porta apertava na mão a caixinha das contas, e tinha fome.

— Olá, seu Manuel Joaquim — disse entrando alegremente na taberna um cocheiro de grandes melenas oleosas, repuxadas para diante das orelhas, cara escanhoadá, chapéu de capa de oleado deitado para trás. — Já vieram as senhoras?

— Ainda não, mas não podem tardar. A pequena disse à mãe que haviam de voltar cedo por você cá vir... Seu maroto!...

Ó seu Manuel Joaquim!... Eu cá dou-lhe a minha palavra...

— Mau! Mau!

E, largando as sardinhas, chegou-se ao pé do cocheiro e disse-lhe ao ouvido:

— Olhe que a ceia está pronta e tenho ali uma pinga...!

O Ventura à porta, envergonhado, sem se lembrar de os matar a ambos, escondia o pé descalço atrás da perna nua e torcia nas mãos o barrete de lã esburacado.

E logo voltando, num desespero, atirou ao chão a caixa do colar. E as contas de vidro foram adiante dele saltando por longo tempo, fazendo uma bulha alegre de gargalhadinhas trocistas.

E a mãe àquela hora tinha fome...! E fora talvez a fome que a matara!

Lá estava enterrada na vala dos pobres, lã muito longe, por detrás daqueles montes, que a lua a nascer, espargindo uma baça claridade, azulava docemente.

.....

No dia seguinte, ao amanhecer, foi encontrado, meio desfeito, para além de S. Julião, um bote abandonado, que tinha à popa escrito numa variegada rosa dos ventos o nome do Ventura.

E quando soube da triste nova, enquanto aos olhos das filhas subiam saudosas e sentidas lágrimas, o conselheiro, gravemente, lembrando-se do pouco tempo que durara a primavera do José, citou as rosas de Malherbe.



## ADASTRA

Quando o tio Bernardo, deitando o barrete de peles para o lado, começava a apontar para o teto as nuvens de fumo do negro cachimbo de gesso, escusado era falar-lhe; só rosnava em resposta um dito de mau humor ou, quando muito, um disparate. Estava pensando no Brasil, no seu Brasil, como lhe ele chamava.

E era tratar de não fazer bulha, enquanto ele, sorrindo para os florões do teto, recordava cenas da mocidade, temporais vencidos pelo arrojo, amores de mulatas, muito ouro ganho num só bafejo da sorte.

— O tio Bernardo está no Brasil — dizíamos nós baixinho.

E, quando o cachimbo se lhe apagava, olhava para nós a rir, sacudindo a cinza na unha rugada e negra:

Cá me embarquei eu outra vez! Demônio de tabaco! Este diabo vem de lã... Não sou capaz de fumá-lo sem que logo me ponha a sonhar... Estava pensando agora...

E começava uma história por nós ouvida mil vezes. Eu e minha irmã saíamos nos bicos dos pés, e ele concluía-a, dirigindo-se a minha pobre mãe, que sentada na poltrona de tábua, já sem feitio, pouco a pouco adormecia serenamente.

É com lágrimas nos olhos que, depois de tantos anos, me recordo desses tempos.

A nossa casa era a mais risonha de toda a vila.

Ainda me alegra relembra-la, no alto dos rochedos, sobranceira ao mar. Muito pequena, mas sempre muito caiada, davam-lhe certo ar as gelosias verdes das janelas. Tinha em volta uma cercadura de ninhos, e todas as manhãs, no verão, acordava ouvindo cantar as andorinhas. No inverno era mais triste. Quando havia temporal, as ondas salpicavam os vidros e minha irmã pequenina, assustada como um pardal, escondia a cabecinha loira debaixo do xale de minha mãe, que sentada à lareira, lembrando-se do marido e do filho mais velho, que andavam sobre as águas do mar, rezava o credo-em-cruz.

Não éramos dos mais infelizes; nunca soube o que era miséria. Depois que o tio Bernardo chegou, houve até sempre, lá em casa, um certo luxo, uma certa despreocupação pelo dia seguinte.

É que o tio, além de vir dono dum caique, trazia consigo uma caixinha de ferro cheia até cima de muito boas libras.

Meu pai, que viera com ele como piloto, pouco tempo se demorou conosco.

O tio Bernardo disse-lhe, uma noite, depois da ceia:

Olha, irmão; o que ali está... (e apontava para a tal caixinha) o que ali está chega-me para aqui poder acabar sossegadamente os meus dias. Sabes que mais? Dou-te de presente o caique. Não tenhas cuidado na mulher e nos filhos. O teu mais velho tem 15 anos; que vã contigo. Vai, e sê tão feliz, como eu fui.

Era sina de todos — o mar. Os mais desgraçados eram pescadores; os outros quase todos partiam para o Brasil; alguns voltavam pilotos, alguns comandando por sua conta; eram os mais felizes. Alguns também... nunca voltavam.

E era a lembrança destes que tornava tão triste a lareira nas longas noites de inverno, quando uivava o temporal.

\* \* \*

Um dia parti para a escola um bocado mais cedo que o costume, porque no quintal do padre prior, tinha visto uma figueira deitar por cima do muro, para o lado do caminho, um dos ramos todo cheio de figos brancos, tentadores.

O mestre, ou porque desejasse lisonjear o tio Bernardo ou porque na verdade eu me atirasse ao estudo um pouco mais que os outros, quando ao domingo, depois da missa, nos encontrava a passear na praça, nunca deixava de me dizer, tocando-me com dois dedos na cara:

— Ah! que se o tio quisesse... havias de ir longe.

Eu não sabia o que ele queria dizer com aquele ir longe. Lembrava-me logo do Brasil. Mas por que motivo eu e não os outros?

Naquele dia, quando já de vara na mão me dispunha a roubar quatro figos ao prior, ouvi de repente a voz de meu tio. Senti um calafrio pela espinha.

— Olá, rapaz! que andas por aí a mariolar, em vez de ires direito para a escola?

Voltei-me todo assustado e vi-o à janela do prior, que, felizmente para mim, desatou às gargalhadas.

— Espera ai, que te quero falar.

Esperei, mas quando chegou ao pé de mim, apesar de ele nunca me ter batido, com as duas mãos tapei as orelhas e a nuca.

O tio Bernardo pôs-se a rir.

— Não tens vergonha...!

Começou andando ao meu lado muito depressa. Às vezes parava limpando o suor.

— Sabes o que vou fazer? — perguntou-me.

Vou ver se o teu mestre diz verdade. Quero um dia assistir à escola.

Tremeram-me as pernas. Se ainda depois de me ter apanhado a roubar os figos, me fosse ver a atrapalhar-me à pedra! Fiz a promessa duma vela de cera à Senhora dos Milagres e, com mais alguma confiança, entrei na escola e fui pedir a bênção do mestre.

Chegamos um nadinha tarde. Estava o Patrício à pedra.

O tio Bernardo fez um sinal para que ninguém se incomodasse e sentou-se ao pé do professor. Eu caminhei gravemente para o meu lugar.

O Patrício, coitado, que estenderete!

Parece-me ainda estar a vê-lo com as calças de quadradinhos, remendadas, muito curtas, a barriguinha muito redonda, o que lhe dava um aspectozinho grave, a camisa de pano cru aberta sobre o peito, e dois bocados de ourelo a servirem de suspensórios. Com as mãos nas algibeiras, os olhos muito injetados, e as asas do nariz a tremerem, ouvia contendo o mau gênio, a rabeçada do mestre.

Não foi nunca dos mais felizes, coitado! Por ali ficou sempre. Tem quatro ou cinco medalhas ao peito e todos os dias a fome em casa.

O senhor... — disse o mestre apontando para mim.

Ergui-me e, pegando no giz, acabei com desembaraço a conta, que tanto atrapalhava o Patrício.

— Muito bem. Tire a prova dos nove. E o que eu digo — murmurou quando acabei. — Hás de ir muito longe.

O tio Bernardo pediu ao mestre que me fizesse algumas perguntas. A todas respondi com muito ânimo e desembaraço.

— D. Afonso Henriques, o Conquistador, d. Sancho I, o Povoador, d. Afonso II, o Gordo...

A história toda.

— Muito bem. Pode sentar-se.

O tio levantou-se, dizendo-me:

— Estou contente contigo, rapaz.

E saiu.

Ao jantar reparei que o tio Bernardo e minha mãe deviam de ter falado a meu respeito. Apenas eu abria a boca, olhavam um para o outro e tossiam com certo ar misterioso. Minha mãe teve alternativas de alegria e de tristeza.

Quando a via rir, pensava:

— O tio falou-lhe na lição.

E, quando a ouvia suspirar, lembrava-me dos figos. Se ela soubesse...!

Quando o jantar acabou, o tio Bernardo chamou-me e disse-me:

— Ouve cá. Tu tens uma cara séria e o teu mestre, que deve ser nisso entendido, diz que dentro tens mais alguma coisa do que os outros.

E batia-me com os nós dos dedos na cabeça.

Eu estava radiante de alegria.

— Além disso tens os pulsos muito fraquitos, e isso é o diabo para um homem do mar.

A conversa tomava de repente para mim um caminho inesperado. Se os pulsos eram fracos e isso era o diabo para um homem do mar, que me importava o que o mestre dizia que eu tinha dentro da cabeça?

Olhei para minha mãe. Minha mãe sorria.

— Ainda agora — continuou meu tio — estive a conversar com o padre prior a teu respeito. Aquilo é que é vida, meu filho: padre!

— Não quero! — respondi, dando um murro em cima da mesa. — Não quero ser padre.

— Ninguém te obriga, rapaz. Há outras vidas tão boas ou melhores até. Médico, por exemplo.

— Não quero.

E, desviando os olhos para o lado da janela, vi lá onde o céu vai dar Um beijo no mar, uma velazinha alvejando, que me pareceu do meu partido e a gritar-me lá de longe:

— Fazes muito bem. Não queiras ser médico, não queiras ser padre. Olha para mim. Cá dentro vai a ventura!

— Pois não queiras! — gritou meu tio.

E começou a passear pelo quarto, puxando grandes fumaças.

Eu, espantado do meu atrevimento, tinha baixado tristemente os olhos e, muito amuado, coçava a cabeça.

— Lá no colégio, tens tempo de sobra, para te resolveres — disse meu tio por fim, parando diante de mim. — Amanhã vais comigo para Lisboa.

Lisboa!

Soou-me o nome aos ouvidos como palavra mágica.

Lisboa! Ia partir para Lisboa, que nunca tinha visto, mas cujo só nome despertava na imaginação sonhos encantadores, prodígios de riqueza, mansões de fadas!

Ergui a cabeça, tão cheio de alegria, que até me pus a rir de rijo!

Olhei para minha mãe. Coitadinha, chorava.

— Vamos — disse o tio, batendo-me com a mão no ombro. — Vai vestir o teu fatinho preto, que tens que despedir-te desta gente!

Lisboa! Lisboa!

Eu bem via as lágrimas da minha mãe, mas este grito da minh'alma calava-me o coração.

Fui despedir-me do mestre-escola que, adiante de todos, me deu um valente abraço dizendo-me:

— Continua assim, meu rapaz. *Sic itur ad astra!*

Eu, muito envergonhado, para fazer alguma coisa, bafejava a pala do boné e limpava-a depois à manga da jaleca.

Ficou-me o latinório no ouvido. Anos depois encontrei-o... Boa vontade não te faltava, querido mestre!

À noite, depois da ceia, o tio Bernardo julgou dever discursar.

— Quando às vezes me esqueço para aí horas inteiras a fumar cachimbo, vocês põem-se a rir e dizem: “Lá está o tio Bernardo no Brasil!...” Pois bom é que saibas, antes que o aprendas à tua custa: nem tudo são rosas na vida. E no mar os espinhos são muitos. A gente volta, chega a casa, esquece tudo. Quantas vezes o diabo não levou a cardada! O que passou, passou; olha a gente para trás e só vê aquilo de que tem saudades: por isso nunca falo de fomes, de privações, de perigos... Não te dê desgosto não ser homem do mar. Andar sobre as ondas é tentar a Deus.

Não sei que mais me disse ainda o tio Bernardo para me provar que, desde que eu voltava costas ao oceano e marchava para Lisboa, era o ente mais feliz do mundo. Bem lhe dispensava o sermão. Já me via homem, voltando para a terra, de relógio e berloques, apertando na praia, depois do banho, as mãozinhas das senhoras, fumando o meu charuto, tratando o administrador por tu e o prior por você.

— Agora, rapaz, vai deitar-te e pede a bênção à tua mãe.

Então, não sei por que, senti de repente um nó na garganta e eu, que tão pouco me lembrara dela, foi a soluçar que lhe caí nos braços. Ela apertou-me contra o peito, muito, muito, até me fazer doer, e dando-me um beijo muito longo, disse-me um adeus tão sumido, tão sumido que quase o não ouvi.

No dia seguinte, ao romper da manhã, eu e o tio Bernardo, ambos na almofada da diligência, partíamos caminho de Lisboa.

\* \* \*

Quando, depois de bacharel e de muito tempo gasto a escrever cartas e procurar empenhos, consegui finalmente ser admitido como amanuense nos próprios nacionais, telegrafei a minha mãe, que na resposta me participou a chegada de meu pai.

Não se calcula a alegria com que parti.

Havia três anos que não via o querido velho, que só de longe em longe vinha a Portugal matar saudades.

Estávamos então no princípio do inverno e um denso nevoeiro espalhava-se sobre o mar. Ainda longe da vila, já ouvia o sino da Senhora dos Milagres tocando aflitamente para indicar o porto aos que andavam fora.

— O José Sacrista, coitado — disse-me o cocheiro — tem o filho lá no mar e desde ontem de manhã que está agarrado à corda do sino.

Foi talvez o nevoeiro, ou foi aquele sino tão aflito, ou talvez dó do sacrista, que fez com que me apeasse da diligência, levando opresso o coração.

No caminho de casa encontrei o mestre-escola que me veio abraçar todo trêmulo, cheio de brancas, abordado a uma bengala.

— Parabéns, muitos parabéns. Eu bem te dizia.

Não pude deixar de sorrir-me.

— Que pena — continuou — vires em ocasião tão triste!

— O quê?

— Não sabes?... Valha-me Deus! O tio Bernardo...

— Morreu? — perguntei ansioso.

— Não, felizmente ainda não. Venho de lá agora. Mas está tão mal...

Não ouvi mais e desatei a correr.

Estavam todos reunidos no quarto do tio.

Quando entrei, abriu os olhos e disse:

— É tu! ainda bem que vieste. Deu-me o caruncho. Tinha pena de morrer sem tornar a ver-te. Já sei que estás amanuense, Sou um homem rude, não sei o que isso é; mas deve ser... muito! Foste longe.

Esteve um momento calado, respirando a custo e depois continuou:

— O teu irmão foi menos feliz. Nasceu forte, foi para o mar. O teu pai já está farto de andar por esses oceanos e deu-lhe o caique.

Olhei para meu irmão, Estava hercúleo.

Uma barba negra, muito espessa, descia-lhe até o meio do peito. Um pesado grilhão de ouro caía-lhe do pescoço até ao ventre redondo. Meu tio fitou por um instante em mim os olhos já embaciados, e sorrindo:

— Olhem que mãozinhas! Não vivias no mar dois dias. Tive razão. Enfim, graças a Deus, fiz todos felizes.

Fechou os olhos e esteve assim por muito tempo, arquejando. Quando tornou a abri-los, procurou-me com a vista:

— Tenho pensado muito em ti... Como é o latinório do mestre?

Não sabia o que ele queria dizer... Depois lembrou-me de repente.

— *Sic itur ad astra.*

— *Ad astra, ad astra! T:* — repetiu maquinalmente.

E com os olhos vidrados fitando os florões do teto, ficou-se a sorrir, como se Deus o houvera levado para um Brasil ideal.



## PERDIDO

Quando ouviu ao longe, no campanário da freguesia, bater meia-noite, entreabriu de mansinho a porta da choupana e escutou por longo tempo. Nem um sussurro!... Tudo dormia àquela hora.

Saiu e, pé ante pé, com a enxada ao ombro, aproximou-se da aldeia, que tinha de atravessar. Tudo era silêncio; apenas, muito ao longe, junto à fonte, uma rã solitária coaxava tristemente.

A lua no minguante alumiaava com uma serenidade triste umas 30 ou 40 casas, dispostas no fundo do vale, ao acaso, entre os choupos da beira do riacho e os últimos pinheiros da mata, que descia pela encosta em pujante vegetação sombria.

Pelas fendas das portas mal cerradas, ouvia-se por vezes o profundo ressonar compassado dos homens de trabalho. Então parava de ouvido à escuta, olho à espreita, com um pé para diante, o outro para trás, posto de bico, pronto para a retirada. E, quando tudo outra vez caía no primitivo silêncio, tornava a caminhar devagarinho, sempre cauteloso, sobressaltado, de olhar desconfiado, como se fosse cometer um crime.

Grossos rolos de nuvens pardacentas, com largas nódoas escuras, onde a lua, numa carreira seguida, mergulhava enchendo o campo de trevas, começaram deixando cair grossos pingos d'água sobre a rama dos pinheiros.

O vento soprava rijo do sul e toda a serra soltava gemidos dolorosos, fantásticos, em meio do sussurro da folhagem.

À medida que a encosta se ia elevando, cerrava-se mais e mais o pinhal. A chuva engrossara, e por entre as ramas mal coava um ou outro raio de luar, iriando, como pérolas transparentes, as gotas d'água, que tremeluziam no extremo das agulhas.

Era no alto da serra que o seu tesouro junto pouco a pouco, desde tantos anos, fora escondido. Vinha aumentá-lo naquela noite, vinha palpá-lo, tomar-lhe o peso, tendo como únicas testemunhas de prazer tamanho o céu de temporal e os pinheiros a gemerem.

\* \* \*

Subitamente estacou. Na claeira, ao meio do pinhal, era a choupana do guarda. Ouvira um choro de criança e uma voz triste de mulher a cantar.

O avaro aproximou-se pé ante pé.

— fome que o pequeno tem — dizia a mulher com a voz cheia de lágrimas, interrompendo o canto. — Se eu não comi!... Secou-se-me o leite.

E chorava.

Aquela mulher pedira-lhe esmola lia véspera. Pedira- lhe esmola!... Tinha fome, dizia. E ele?... Tinha frio. E ele? O filho definhava-se, desde que o marido dela adoecera. Pedira-lhe esmola, como se lhe fora possível, a ele, dar um pedaço da sua alma. Era idiota a mulher!

Mas ao som daquela voz estremeceu, porque ela, doida, ofendida pela recusa, desganhada, olhos injetados, chamara-lhe de ladrão, assassino, pondo-lhe os punhos cerrados ao pé da cara.

— Hão de tudo roubar-te um dia, e tu, cão, hás de chorar, em cima da cova onde escondeste o dinheiro, esfregando a cara na lama... ladrão!

E só a idéia de poder m dia ser assassinado, roubado, que vinha a dar na mesma, fez-lhe passar pela espinha um calafrio, que lhe eriçou todos os pelinhos do corpo.

Afastou-se da choça, para longe afugentar aquela idéia soturna; mas poucos passos andara, quando lhe pareceu ouvir o rachador, com uma voz fraca de tísico, entrecortada pela tosse, pronunciar-lhe o nome.

Novamente estacou e ficou-se boquiaberto, respirando a custo, de ouvido a escuta, sentindo bater acelerado o coração.

Calara-se tudo na choça e apenas por vezes o vento arrastava pelo pinhal afora uns tristes gemidos de criança, já falta de forças e farta de sofrer.

Tentariam aqueles roubá-lo?

E estremecendo, cheio de susto, deitou a correr pelo pinhal afora, deixando o vento levar-lhe o chapéu esburacado e remoinhar-lhe nas longas farripas grisalhas, largando aos bocados nos tojos e nas silvas os tristes farrapos que o cobriam, escorregando na caruma, agarrando-se aos pinheiros, que sacudidos o encharcavam, a correr, a correr por ali afora, até ao alto da serra, onde se deixou cair extenuado ao pé dum enorme pinheiro manso, seco, que sobre um rochedo escaldado atirava para o ar os longos braços de espectro.

Era ali o seu tesouro.

\* \* \*

Longo tempo ficou estirado, de bruços, sobre os fetos úmidos, arquejando longamente. Depois, criando ânimo, mostrando força inacreditável em corpo tão franzino, com os braços ósseos erguendo alto a enxada e deixando-a depois cair com um esforço, que lhe arrancava do peito cavado um gemido a cada enxadada, começou a cavar, a cavar, até que finalmente o ferro bateu de encontro ao ferro.

Então afastou a terra, ajoelhou, debruçou-se com avidez sobre a cova, meteu-lhe dentro as mãos e, arquejante, fazendo um esforço supremo, com um ah! de vitória, puxou a si o cofre, que, rolando no chão, produziu um som criador do êxtase.

Riu-se alto, enlevado. Depois ergueu-se e com a manga da jaqueta limpou o suor que lhe escorria pela testa.

Ali estava o seu tesouro!... Seu!

E olhava para o cofre, com ternura, sorrindo-se com uma lagrimazinha no olho, abaixando-se para sopesá-lo.

Queriam roubá-lo talvez! Abraçava-se ao dinheiro, com o olhar luzente duma fera, sentindo nas entranhas uma coragem enorme para defendê-lo como nunca loba defendeu um filho.

Podia alguém ter desconfiado do lugar onde o escondera... Era muito noite, ainda teria tempo de sobra para levá-lo dali. Felizmente não lhe escasseavam forças. Querido tesouro da sua alma, junto moeda a moeda!

E, outra vez deitado sobre o cofre, abraçava-o, beijava-o, como se outra alma lá dentro houvesse de perceber a dele; pedia-lhe, cheio de ternura, que não se deixasse roubar, que era vida, sangue de seu coração!

Os pinheiros úmidos tornavam balsâmica a atmosfera. Os raios oblíquos da lua quebravam as sombras das árvores nos troncos das outras e as sombras das copas bailavam, fantásticas, sobre os fetos molhados.

E ele ali, tão sozinho com seu tesouro! Havia tanto que lhe não punha os olhos!

Sentando-se numa pedra, aproximando o cofre, com um esforço enorme, fez girar a tampa nos gonzos ferrugentos e queixosos.

O luar, entre dois farrapos de nuvens, encheu o cofre de faíscas de ouro. E o avarento, em êxtase, fechou os olhos, como encandeado por tanta luz!

O vento cessara de repente e no instante em que o temporal tomou fôlego, um grito de dor, estrídulo, repetido ao longe, ainda mais dolorosamente, pelo eco da montanha empinada, partiu da choça do rachador.

Eram eles com certeza!... Eram os ladrões!

Ergueu-se abraçado ao tesouro, transido de medo, suando frio. E depois, espavorido, deitou a fugir, esbarrando nos pinheiros, deixando a carne nos esgalhos, caindo, agarrado ao cofre, sobre os seixos agudos, e levantando-se logo para correr outra vez, correr sempre, para fugir do grito, que, ameaçador, o perseguia.

E toda a noite durante, andou fugido, em correrias pelo pinhal, já nem sabia por onde. E o sangue e o suor corriam-lhe pela cara.

Quando o luar começava esmorecendo ajoelhou meio desfalecido, e com as unhas agudas, recurvas, abriu uma cova funda, onde, com esgares de doido enterrou o dinheiro, longe, muito longe, donde estava dantes. Tapou tudo e, por instinto de precaução, puxou-lhe os fetos para cima. E abalou outra vez.

Era manhã quando chegou a casa extenuado, esfarrapado todo, com os cabelos agarrados às faces gotejando sangue, ardendo em febre. Deixou-se cair no catre nojento.

O dia rompia sereno. O vento abrandara e só por detrás da serra é que as nuvens azuladas sombreavam intensamente o fundo da paisagem, em que destacavam alvejantes as casarias. O sol erguia-se esplêndido, enchendo os campos de jóias cintilando no escrínio de verdura. A aldeia acordara num banho de luz, cheia de bulícios, de cantos de galos e risos de crianças. Pelas chaminés subia uma colunazinha de fumo azulado, transparente, que a enchia do cheiro bom, alegre, do pinho queimado nas lareiras, aquecendo os almoços.

Quando o homem voltou a si, depois de muitas horas de cruel delírio, apenas intervalado por curtos sonos cheios de pesadelos, um pesadelo ainda lhe pareceu a lembrança confusa de toda aquela noite agitada.

Viu-se percorrendo o pinhal imenso, que gemia e dançava lugubrememente, estorcendo-se no temporal como um condenado na fogueira. Lembrou-se do grito que o perseguira. E logo se viu sujo de sangue, com as unhas despegadas do sabugo, o corpo cheio de nódoas negras, os joelhos escalavrados.

Mas onde enterrara o seu ouro?

Passava a mão pela testa, apertando as fontes, tentando recordar o sítio, a forma dalgum pinheiro, o caminho que seguira. Sentou-se no catre, rasgando com as unhas lascadas a carne magra do peito, trêmulo, suando frio.

Levantou-se e atravessou a aldeia aos bordos, com a vista desvairada, a boca torta, ameaçando com a mão de esqueleto as mulheres sentadas às portas das casas, vigiando os pequenos, que brincavam, no riacho, tostando ao sol os ventrezinhos redondos e as cabecinhas loiras.

E o pinhal até onde a vista se alongava sombreava os montes por ali afora! Ali estava o seu tesouro, ali debaixo duns fetos, cujas hastes se abriam à sombra duns pinheiros, fetos e pinheiros todos iguais naquela imensidade!

Outra vez, arquejante, mal sustendo-se nas pernas, trepou e desceu encostas, procurando pegadas, querendo lembrar-se, serenar, passando a mão pela testa com gestos de desespero, como tentando arrancar do cérebro a loucura, que, pouco a pouco, o invadia!

Quase noite foi dar à choça do rachador.

Lembrou-se então que dali partira o grito que o amedrontara e, escumando de raiva, atirou-se contra a porta, berrando:

— Ladrões! Ladrões!

No meio do quarto estava a criança deitada sobre uma caminha de fetos, pálida, mirrada, as mãozinhas de cera atadas sobre o peito com uma fita velha de seda roxa.

E o pai e a mãe, ao lado do cadáver do filho, choravam mansamente.

O avaro parou no limiar da porta, alumiado pelo último vislumbre da razão.

Recuou instintivamente e foi cair sobre um grande molho de achas, dizendo palavras desencadeadas, com os olhos esgaseados, doido de todo e para sempre.

E por diante dele passavam bandos alegres de pintassilgos fugindo para os ninhos, levando nos bicos os farrapos da jaqueta, que ele deixara nas silvas do pinhal enquanto os gaios contentes, aquecendo-se ao último raio de sol daquela tarde de primavera, soltavam, pulando de ramo em ramo, grandes gargalhadas irônicas.

## O PAQUETE

Era no fim da azinhaga — uma azinhaga estragada pelas chuvas do inverno e tendo ainda marcada na lama seca a passagem do último carro de bois. Dum lado e de outro velhas piteiras misturavam a cor verde-claro das largas folhas carnosas com o verde-escuro, quase negro, das silvas e pilriteiros; de espaço a espaço erguiam-se algum sobreiro decrépito, faias brancas e prateadas, loureiros embalsamando o ar com o cheiro forte e bom das longas folhas agudas.

No fim erguia-se a casa com o seu aspecto senhoril.

A hera apoderara-se do exterior e, aproveitando as fendas que o tempo abria, espreguiçando-se sobre o leito do velho musgo amarelo que revestia cada pedra da parede, ia unir as suas folhas delicadas aos cachos de arroz que desciam em elegantes pirâmides das beiras do telhado.

Uma pequena escada, seis ou sete degraus gastos, abalados, partidos, conduzia do pátio ao vestíbulo do palácio.

Sobre o portão, cuja tinta gretada pelo sol caíra pouco a pouco, ostentava-se, comido pelo tempo, o brasão da família, sobre o qual ameaçava ruína uma grande coroa de conde transformada em coito de lagartixas.

Os vidros enegrecidos e apenas translúcidos tremiam de velhice nos caixilhos de chumbo.

Pelo pátio, nos interstícios das pedras, crescia livremente a erva, e a um canto um ralo juntava as estrídulas melodias ao monótono coaxar das rãs do pântano vizinho.

O conde estava na livraria sentado numa velha poltrona de couro com pregos de metal. Tinha na mão um livro latino, que lia atentamente.

A livraria era uma vasta sala alumiada por três janelas de grande vão.

Avistava-se ao longe a aldeia com seu campanário branco, suas casinhas bem caiadas, e os cimos dos choupos erguendo-se acima dos telhados e indicando a estrada que a atravessava conduzindo de uma vila a outra.

Entre as janelas e as portas estavam as estantes com os grandes in-fólios amarelos, os grossos dicionários e as obras clássicas latinas, portuguesas e francesas.

A parede fronteira às janelas, por cima da chaminé de mármore branco, era ocupada pelo retrato do avô do conde. Era um homem alto, bem feito, simpático. Estava vestido á época de d. João V. Tinha uma das mãos nos copos da espada, as suas comendas ao peito e uma sombra esquisita, forte, brutal, na metade do nariz do lado esquerdo. A moldura deixara cair o dourado e estava rendilhada pelo caruncho. A um canto uma aranha tecera a teia e esperava pela presa, escondida num rasgão da tela.

O sol descia e o conde, para lhe aproveitar os últimos raios, puxara a cadeira para o vão da janela e, com o livro sobre o joelho, o cotovelo sobre a perna trançada e a testa enconstada à mão, lia atentamente uma passagem de Suetônio.

O crepúsculo foi invadindo a sala. O sol, depois de ter com o último raio brincado um instante na testa veneranda do avô comendador, desceu para detrás do cabeço, e as grandes sombras dos montes fundiram-se pouco a pouco numa tinta geral.

O conde fechou o livro sobre o índice e pôs-se a contemplar a aldeia.

O vento do norte entrando pelas fendas das paredes sibilava tristemente no corredor, os vidros zuniam nos caixilhos de chumbo, as aves noturnas, que habitavam as vastas chaminés do palácio, começavam a piar e aos ouvidos do conde chegava a alegria da aldeia como nota estranha duma língua esquecida.

Meados de novembro, as noites eram frias.

O conde olhou tristemente para as janelas das casas dos lavradores alegremente iluminadas pelo fogo vivo das lareiras e, estremeando de frio dentro da velha sobrecasaca parda, levantou-se, tocou uma campainha e, metendo as mãos nas algibeiras, começou passeando pela sala.

Era um velho alquebrado e quase completamente calvo; apenas duas ou três madeixas de cabelo branco e comprido desciam-lhe da nuca até à gola do casaco. Usava a barba toda; era curta e branca. Os olhos, cuja luz a idade ia apagando, eram da cor mal definida que têm os olhos dos velhos e os das crianças de mama: tinham contudo uma expressão doce e melancólica. Ao canto da boca uma prega vertical, desdenhosa e altiva quando o conde estava sério, dava-lhe uma expressão de simpática tristeza quando sorria,

Ao toque da campainha acudiu um criado.

Era um velho também, mais velho do que o conde talvez. Trazia vestida uma casaca por certo verde, de tão velha que era, se não lhe ocultassem o estofo acumuladas passagens de linha preta.

Entrou curvando um pouco pelo respeito, outro tanto pelos anos.

— José — disse o conde — vai arrancar mais uma tábua à sala do docel e arranja o lume.

— Sr. conde, eu sozinho não tenho forças.

— Chama o caseiro, como tens feito nos outros dias.

— O Manuel foi-se hoje embora, sr. conde.

— Foi-se hoje embora! Por quê?

— Foi trabalhar para a quinta do João Pereira. V. Exa. bem sabe que o homem, coitado, tem família que sustentar e como os ordenados andam atrasaditos...

— Efetivamente, recordo-me de que há já bastante tempo... Ora, coitado! Mas, por que não me disse ele?... Eu esqueço-me de tudo. Hás de dar-lhe dois pintos da minha parte. Eu te ajudo hoje a arrancar a tábua.

E saindo ambos, foram a um quarto próximo e arrancaram uma tábua do soalho. O José serrou-a numas poucas de partes, feriu lume numa pederneira, porque o conde reprovava os fósforos como perigosos e, pouco depois, uma chama viva e alegre trepava pela chaminé.

O conde tornou a abrir o livro e continuou a ler Suetônio à luz de um bocado do seu palácio.

Tinham-se ido as tábuas pouco a pouco e já quase não restavam senão três quartos completos, o do conde, o do José e a livraria. Tábuas, vigas, portas e janelas tinham-se desfeito em cinzas.

E os velhos lavradores da aldeia, ao verem o fumo erguer-se acima da chaminé do palácio, sorriam triste- mente e diziam:

— Coitado!

Mas o conde continuava alegre e indiferente. Como até ali nada lhe faltara, Deus sabe à custa de quantos sacrifícios do pobre criado, não pensava no



estado de miséria a que se achava reduzido ou, para melhor dizer, não queria pensar.

Quando ao domingo voltava da missa, vinha conversando alegremente, com um certo ar entre familiar e protetor, com os lavradores que o estimavam e gostavam de ouvi-lo nas choupanas mais pobres, e, aflito com a miséria que nelas encontrava, dizia baixinho para o velho José, que o acompanhava sempre, com o grande missal romano debaixo do braço:

— José, deixa um pinto em cima da mesa para esta pobre gente festejar o domingo.

E saía tocando ao de leve com os dedos nas faces rosadas das criancinhas, que olhavam para ele com os seus meigos olhos grandes, cheios de espanto e de curiosidade.

O José demorava-se como que para obedecer ao fidalgo e saía momentos depois, levando nas vastas algibeiras da casaca os bocados de pão negro e de carne, com os quais e com a ajuda de mais uma tábua o conde havia de jantar naquele dia.

E o conde continuava alegre e passava os dias conversando, como ele dizia, com os seus autores favoritos e entretendo a imaginação com os sonhos dourados dum futuro melhor.

Tinha um filho.

Havia três anos que o seu gênio desleixado o obrigara a partir para o Brasil, na esperança de, à força de trabalho, reparar os desastres da fortuna.

E não fora a ambição que o levara tão longe. Não ignorava ele a maneira como se sustentava o conde e o seu gênio altivo custava-lhe sujeitar-se à compassiva esmola dos aldeãos.

Um dia, deu parte de sua tenções ao pai, mostrando-lhe a conveniência daquela partida, ocultando-lhe porém uma grande parte da verdade com receio que a revelação dela fosse um golpe fatal na vida do velho. Repetida primeiramente a idéia como absurda e pouco digna, o pobre pai, com o coração esmigalhado pela dor e pela vergonha, teve por fim que render-se e sacrificar o seu orgulho ao orgulho mais nobre do filho.

Obtida a licença, partiu levando como capital a bênção paterna e os poucos pintos que rendeu mais uma hipoteca.

\* \* \*

Os primeiros dias foram horríveis para o conde. Sentia um vácuo enorme naquela casa, havia pouco tão cheia ainda. Depois a dor foi abrandando pouco a pouco, e o conde voltou aos hábitos antigos. Tinha mais um sentimento no coração: a esperança.

\* \* \*

Uma tarde chegou uma carta que dizia:

“Meu caro pai, vou bem, vou muito bem. Pelo próximo pacote espero poder enviar-lhe cem mil-réis, quantia que continuarei a mandar todos os meses”.

O conde procurou pacote no dicionário de Moraes, mas achou a palavra comida pela traça.

O José chorava de alegria e naquela noite deitou duas tábuas no lume, aceitou um copo de vinho ao João Pereira e, quando acabou o terço, disse para o conde, com quem o rezara em voz alta:

— Para que se realize o que sr. d. Carlos nos promete: Salve, Rainha.

\* \* \*

E passou-se mês e meio e o conde dizia:

— O que será pacote?

De Agostinho de Macedo para cá não sabia nada, não lia jornais, nem vê-los queria. Detestava-os com um ódio de velho quase instintivo. Quando via algum jornal murmurava logo:

— Maçonaria!

E continuava a esperar o pacote, como um sebastianista espera d. Sebastião, com uma confiança cheia de mistérios e de pequenas impaciências.

O palácio já pouco mais tinha do que as paredes. Pouco a pouco, tábua por tábua, viga por viga, o quarto do criado passara pela chaminé e este dormia agora na câmara do conde.

E o velho fidalgo dizia ao ver crepitar na vasta lareira as tábuas carcomidas:

— Paciência! Isto conserta-se depois, quando chegar o pacote.

E o José apenas respondia:

— Salve, Rainha.

Esperava-se no principio de janeiro.

O conde começou a separar os livros em duas classes:

a dos livros úteis e a dos livros inúteis.

Os livros inúteis transformaram-se em calor e, quando o conde via as páginas amareladas torcerem-se sob a ação do lume, olhava para elas tristemente e depois, erguendo os olhos para o retrato do avô, dizia mentalmente, como que pedindo desculpa:

— São os piores.

Acabaram os livros inúteis e o conde pôs de lado os ótimos e queimou os restantes.

Duraram dois dias.

E como o pacote não chegava, o conde coçava a cabeça e olhava com um modo menos respeitoso para o missal romano.

O José triplicava o número das salve-rainhas.

E o pacote não chegava, e os manuscritos arderam, e o conde queimou as gravuras e conservou apenas o Suetônio.

Passados dias chegou uma carta.

Trazia um sobrescrito azul, um pouco transparente, muito boa letra, uma letra com muitos finos e grossos, como a dum professor de caligrafia. Trazia a marca do Brasil e cheirava a carvão de pedra.

Foi o José quem a recebeu, e correndo para a livraria, onde o conde estendia instintivamente as mãos trêmulas sobre as cinzas frias da chaminé, entrou gritando:

— O pacote! o pacote!

O conde estremeceu, ergueu-se e pegou na carta.

Era talvez a riqueza!

Passou-lhe uma nuvem pelos olhos.

Encostou-se a uma poltrona e, tremendo, abriu o sobrescrito.

E leu:

“Temos o doloroso dever de dar parte a V.Exa. do falecimento do seu filho...”  
O conde não pôde ler mais e deixou cair a carta.

José exclamava:

— Perdidos! Perdidos!

E dava com a cabeça nas paredes.

O conde conservava-se silencioso e fitava os olhos turvos na folha de papel azul, que tremulava no chão assoprada pelo vento.

— Resta-nos a caridade, José — disse por fim. — Vai, vai ter com essa gente a quem ontem ainda eu dei esmola, e dize-lhe que o conde lhe pede, por amor de Deus, um bocado de pão.

E depois soluçando:

— Manuel! Filho!... Meu querido filho!

E como fazia muito frio, o conde queimou o Suetônio.

## A OUTRA

Era fins de agosto, à hora do meio-dia.

Havia um instante, que, na torre pequenina da igreja, o sacristão, com a cabeça abrigada do sol por um grande lenço de fundo vermelho com ramagens amarelas, tinha feito soar vagarosamente as ave-marias.

Hora do descanso. Alguns dos que trabalhavam mais perto recolheram a casa para jantar e sossegar um pedaço, durante a sesta.

Depois tudo pareceu adormecer na aldeia. Junto aos muros, enfileiradas todas na nesgazinha de sombra, as galinhas dormitavam; os pássaros nos salgueirais, que sombreavam o ribeiro, tinham emudecido. No interior das casas nenhum rumor, por entre a folhagem nenhuma viração. Até as carroças, nos pátios, com os varais aprumados, pareciam, como num espreguiçamento, dispor-se para o sono.

O sol quase a prumo dardejava sobre a aldeia os raios quentíssimos, reverberados pelas paredes caiadas de fresco e pelos telhados novos vidrados, que pareciam em brasa, e atravessava com eles as ramarias, enchendo o ribeiro de manchas movediças, multiformes, cheias de cintilações, como pedacinhos de metal.

Era aquela a hora a que dantes costumava recolher a casa o José Miguel, o melhor caçador da aldeia, com a rede quase a transbordar, tão cheia a trazia sempre de perdigotos e láparos.

Ainda ele vinha longe, já se ouviam os latidos alegres do cão, correndo na frente.

Então a mulher, depois de haver posto a mesa, vinha para o limiar da porta, encostava-se á ombreira, e punha-se à espera, toda risonha, feliz, fresquinha como uma flor, com o seu vestido de linho muito engomado.

Os que passavam iam lhe dando as boas tardes.

— Não tarda ai — diziam-lhe cumprimentando-a. — E é como sempre: bolsa cheia e cartucheira vazia.

Tempos!... Tempos!

Havia quase um mês que a pobre Mariana debalde esperava o marido àquela hora.

Agora, quando ouvia soar as ave-marias, vinha encostar a testa aos vidros da janela e, com as faces incendiadas, o ouvido atento, fitando os olhos numa casa que alvejava ao longe sobre a serra, deixava correr em fio as lágrimas silenciosas, E os que passavam, recolhendo às casas, olhavam para ela com um modo tão triste, que ainda mais a entristecia, e iam dizendo uns para os outros: Coitadinha!

O que lhe custava...! E quanto mais, ao recordar-se do outro verão que passara!

Para aquilo tinha casado, para mal decorrido um ano, um ano pouco mais, ali se ver sozinha, chorando o marido que lhe fugira!

Por que assim fora rebelde aos conselhos do pai? Bem lho tinha ele pregado no próprio dia em que dera por aqueles amores!

O pobre mestre-escola, ouvindo-a conversar uma noite, à porta da rua, viera buscá-la por um braço, arrastara-a pela escada até o quarto lá em cima, e ali, meneando a cabeça, de braços cruzados, lançando chispas pelos olhos, dissera-lhe apenas: Senhora!

E ela começara a chorar e logo ele, terníssimo e aflito, a enchera de beijos. Ainda não pensara naquilo...! Pois tão nova ainda, havia de assim deixá-lo? E então por quem? Pelo José Miguel, um valdevinos, um doido, um conquistador!

Recordara-lhe a morte da mãe que a deixara com três anos entregue a ele, o que ele sofrera, os cuidados de que a rodeara, a educação que lhe dera.

Era á noite, noite muito serena, cheia de murmúrios misteriosos, que se elevavam dos campos numa grande serenidade. Ouviam-se ao longe a queda das águas do ribeiro e o rodar das azenhas. A janela estava aberta e lá de fora vinham perfumes quentes, fortes, no bafo carinhoso da primavera.

Junto da porta crescia uma roseira, que metera para dentro do quarto uma pernada insubmissa, toda cheia de cachos de rosas pequeninas. Um rouxinol cantava no salgueiral, porque isto era no tempo dos ninhos.

O mestre-escola aproximou-se da janela e esteve por algum tempo respirando aquele ar que o refrescava agora, mas que lhe trouxe não sei que recordações.

Olhou para a filha e viu-a crescida, com os peitos desenvolvidos, o pescoço muito bem torneado, o cabelo farto, enrolado no alto em duas tranças; viu-lhe a cama- dura branca, sadia e forte.

O rouxinol continuava a cantar e a pernada cheia de flores teve um movimento lânguido, vergando a um suspiro da noite.

O mestre-escola tomou uma respiração funda e fez um movimento de ombros resignado.

— É preciso casar-te, não há remédio.

Como por miúdos se lembrava de toda a cena que tivera com o pai e dos conselhos que então lhe ouvira! Bem o previra ele que o José Miguel a havia de abandonar um dia, não porque fosse mau, mas porque era leviano, que havia de deixar a mulher como deixava agora as namoradas, que tinham sido, uma após outra, todas as raparigas da aldeia.

Que mal empregadas lágrimas ela chorara, até que afinal o pai consentira no casamento!

Quantas vezes, feitas as pazes, tinham os três comentado aquela história!

Um dia o mestre-escola fora pelo prior e outros convidado para uma caçada a que iria também o José Miguel.

Foi este quem, bastante atrapalhado, veio pela manhã bater-lhe à porta.

— Pronto, sr. Eustáquio? Olhe que o prior, há mais de um quarto de hora que está à sua espera no adro

— Lá vou! lá vou! — gritou de dentro o Eustáquio.

E apareceu pouco depois, com a sua bota alta branca e o boné de pala verde, que usava havia dez anos.

— Adeus! — disse ao José Miguel com mau modo.

— Sr. Eustáquio...! — respondeu este, cumprimentando-o, entre irônico e atarantado.

E, erguendo os olhos, entreviu na única janela do primeiro andar, detrás das folhas da roseira, uma carinha muito bonita, mas muito triste, que lhe sorria por entre muitas lágrimas.

— Vamos! — disse o Eustáquio, pondo-se a caminho e olhando de revés para o outro.

— Deixa estar, grande patife! — ia pensando o José Miguel. — Ainda hoje mas há de pagar!

Chegaram ao adro, onde o prior e mais dois amigos os esperavam com impaciência.

Depois de muitas recriminações e descomposturas, a que o Eustáquio respondeu com desculpas gaguejadas, começaram ali mesmo a caçada, porque a igreja era no fim da aldeia e no sopé dum cabeça predileto das perdizes.

Vinte minutos depois, o cão do mestre-escola parava, e este, com o dedo no gatilho, esperava que as perdizes levantassem.

— Entra, cão!

Ouviram-se dois tiros; mas as perdizes foram-se voando com saúde. O velho caçador fez um movimento de mau gênio.

Então o José Miguel, colocado um pouco mais longe, apontou serenamente, descarregou por duas vezes a espingarda, e as perdizes, depois de por um instante haverem batido convulsamente as asas, inclinaram as cabeças e deixaram-se cair a prumo, como coisas inertes.

— Que é lá isso? — perguntou o Eustáquio.

— O senhor não vê? — disse-lhe o José Miguel, mostrando-lhe a caça morta. — São duas perdizes.

E depois baixinho para o prior, mas não tão baixo que

o Eustáquio o não ouvisse:

— E dois bigodes. Ele que os vá contando.

E contou-os, e não foram poucos.

Felizmente o Eustáquio não era de reservas. O rapaz entusiasmou-o.

— Bravo! — dizia ele ao fim da tarde, com o olhito a luzir, o que era também dumas beijocas a mais na borracha do prior.



E depois, muito amigavelmente, pondo-lhe a mão no ombro:

— Sabes que tens quase uma riqueza nessa espingarda?

\* \* \*

Com que saudades a Mariana recordava esse momento em que, pela primeira vez, ouvira da boca do pai um elogio ao namorado!

— Mas isto não obsta. Não quero! — teimava ainda o Eustáquio. — Aquilo é um cabeça no ar. Um dia deixa-te e ficas pior do que viúva!

Afinal consentira. Que lhe havia de fazer?

O José Miguel acirrara-se com aquela resistência e, em vez de abandonar a rapariga, como fizera às outras, cada vez se mostrava mais assíduo junto da filha do mestre-escola. A Mariana definhava-se, que era um dó vê-la.

O Eustáquio, bem contra vontade, não teve outro remédio, consentiu.

\* \* \*

O bom tempo tem asas.

Com os olhos fitos na casa pequenina, que alvejava no alto da serra, a triste chorava amargamente, lembrando-se daqueles primeiros meses de casada e das alegrias que tinha quando ouvia ao longe os latidos do Valente, que voltava da caça.

Logo tirava da arca a toalha de linho muito alva, riscada pelo ferro; puxava a mesa para defronte da janela, que uma parreira sombreava; dispunha-a com muito cuidado, o lugar dela e o dele, um defronte do outro, o canjirão cheio de vinho, o pão alvo partido em quartos, os pratos de fruta, que perfumavam a casa.

Então o Valente entrava muito bruto, saltando, muito desordeiro, querendo que lhe abrissem a porta do pátio, para onde logo saía a correr, enterrando o focinho na panela cheia de caldo e de grandes bocados de pão de munição.

O José Miguel muito estafado, atirava para cima da arca a bolsa de caça, sorria ao ver aqueles arranjos e, enchendo a caneca de vinho muito fresco, bebia-o depois, de uma vez, de olhos continuando a sorrir, soltando ao acabar um belo ah! de satisfação.

— Vamos a isto, mulher, vamos a isto! — dizia aproximando da mesa a grande cadeira de pau santo.

E, todo olhares gulosos, muito sorridente, de beiços estendidos, destapava a terrina e enterrava a concha nas sopas.

Enquanto ia comendo, vinham as histórias do dia.

Ela pouco podia adiantar: estivera em casa trabalhando, não sabia nada de novo.

Ele então contava façanhas do Valente, que, saciada a fome, muito sujo, muito lambuzado, sentado a um canto, de olhos meio cerrados, esperava com paciência o fim do jantar e a côdea de queijo da sobremesa.

Estava muito velho, coitado do bicho! mas ainda nenhum lhe chegava.

Depois queixava-se da caça. As perdizes por aquele calor andavam levadas da breca! O que ele andara por aqueles matos!

A mulher, sentada defronte dele, ria muito contente, mostrando-lhe os dentes muito brancos entre os lábios vermelhos, com duas covinhas aos cantos.

Pois as perdizes andavam assim como ele dizia, e estava a rede ali tão cheia!

— Mas vê lá se outro consegue o mesmo — dizia o José Miguel todo orgulhoso.  
— que daquilo e destas não há outro que as tenha na aldeia.

E apontava para a espingarda e batia nas barrigas das pernas.

— São de ferro!

O mestre-escola vinha muita vez, depois do jantar, ter com eles à sobremesa, beber um copo de vinho e depenicar no queijo.

Caçador velho, muito conhecedor daqueles terrenos, gostava de dar conselhos ao genro, que o escutava atencioso.

Isto não obstava a que, saindo juntos, o José Miguel, fizesse enfurecer o sogro, matando-lhe a caça que este errava.

— Ora anda lá, meu velho — resmungava muito alegre — apanha lá mais este, para a conta.

\* \* \*

Agora o José Miguel continuava a sair todas as manhãs, mas só recolhia alta noite. Às vezes, nem recolhia, e ela, coitadita, levava as noites a chorar.

Quando o marido saía, punha-se à janela e via-o desaparecer por detrás da igreja, onde o sol nascente batia de chapa. Passados minutos, avistava-lhe o vulto, ao longe, na calva do pinhal. O Valente seguia-o cabisbaixo, triste, desconfiado, como que a estranhar o dono. Desapareciam depois entre os pinheiros e ela já não podia cá debaixo tornar a avistá-los. Mas da chaminé da casa, que alvejava no alto, começava a elevar-se no ar muito sereno da manhã um penachinho de fumo azulado, que logo se desfazia no azul do céu.

Ela então deitava-se de bruços na cama, e chorava convulsamente.

\* \* \*

Nesse dia pela uma hora, o Eustáquio entrou em casa da filha.

— O teu homem?

— Foi para a caça — respondeu a Mariana, sentando-se no leito e á pressa limpando as lágrimas.

O mestre-escola trazia o boné de pala verde, a espingarda a tiracolo, o polvarinho e o chumbo. Nio trazia a rede.

— Bem. Deixa-te estar. Escusas de te incomodar. Deita-te, filha, que eu vou procurá-lo.

A Marina quis retê-lo, estranhando-lhe os modos.

— Talvez não encontre. Sabe Deus onde ele pára!

— Sabe-o Deus, sei-o eu e sabe-o a aldeia em peso, que é uma vergonha! — respondeu o Eustáquio, apontando com a espingarda para o alto do pinhal. Olha, sabes o que vou fazer?

— Ó meu pai!... — disse a rapariga, levantando-se do leito e vindo segurar-lhe os braços.

— Deixa-me! Muito tenho eu esperado! Não têm mais que o castigo que ambos merecem. Tu sabes quem ela é?

A Mariana disse que não com a cabeça.

Mas não havia de saber!...

— A Maria da Escusa, aquela cigana, que, não contente com ter dado cabo do marido, morto de desgostos, quer fazer outro tanto ao teu homem... e a ti! Mas eu vou lá e mato-a, mato-a como quem mata uma loba!

E, apertando, nervoso, a espingarda contra o peito, saiu arrebatadamente.

A Mariana, cheia de susto, sem forças para seguir o pai, sem forças para gritar, deixou-se cair no leito, desmaiada quase, sem ânimo para pensar na desgraça que lhe estava acontecendo.

\* \* \*

Assim esteve por muito tempo. Despertaram-na afinal uns latidos alegres, tão conhecidos dela. Sentou-se no leito. Os latidos aproximaram-se, e por fim o Valente rompeu pelo quarto, saltando, cheio de fome, pedindo o jantar, a arranhar na porta do pátio.

Ouviu então a voz do José Miguel. Vinha conversando com o pai e o que diziam não era coisa triste, porque ambos riam ás gargalhadas.

A Mariana correu, muito chorosa, até à porta e, muito excitada, caiu soluçando nos braços do marido.

O que é isso? O que é isso? — perguntava o Eustáquio, também com um nozito na garganta. — Choras então, porque eu te trouxe o homem? Se adivinhasse o disparate, tinha-o deixado lá ficar.

— Então, mulher, então? Que tens tu? — dizia o José Miguel muito comovido.

\* \* \*

Passada meia hora, arranjado o jantar á pressa, sentaram-se todos à mesa.

A curiosidade, que nem um dito, uma alusão deram motivo para saciar, sorria nos olhos vivos da Mariana.

Que se haveria passado?

Mas, quase ao fim do jantar, o mestre-escola, que estava conversando muito animadamente, enganou-se e, querendo beber à saúde da filha, pegou no copo d'água: o José Miguel, muito lampeiro, antes que o sogro desse pela distração, lançou-lhe mão ao vinho e bebeu-o de um trago.

— Não é só na caça que se apanham bigodes, sr. Eustáquio.

Não, não — respondeu o velho. — E tu que o sabes de hoje...!

O José Miguel fez-se muito vermelho, e, porque percebesse na mulher um sorriso em que a malícia apagara a tristeza, levantou-se da mesa e veio beijá-la muito.

— Coitada da Mariana!

— Então ela... enganou-te?

— Por que falas nisso? Que te importa? Que me importa?

A curiosidade da Mariana ainda não estava satisfeita. Com quem?... Dize... Dize... Com quem?

Então o mestre-escola, muito corado — era talvez da pinga — entendeu dever deixá-los sós, e saiu a rir, com um arzinho trocista, muito contente, a esfregar as mãos.

## O BAILE DOS VELHOS

Houve esta noite festa rija em casa dos padeiros.

Casados há 50 anos, festejaram com estrondo o aniversário do casamento. E não pensem que por não haver lá gente moça a festa desmereceu. Isso sim! Das oito à meia-noite, nem o Bento das mãos largou a guitarra, nem faltaram pares no meio da casa.

Ficou logo combinado, mal o Antônio Pataco falou naquilo: — quem não foi convidado para a boda, também não dançou naquela noite, nem comeu os leitões assados. Então é que se viu como as mulheres se atiram pela velhice afora com alma e coragem; eram 12 nem mais nem menos, e os homens apenas seis, todos muito atrapalhados, (tanto mais que o prior não contava) tendo que atender a tanta senhora, não querendo escandalizar nenhuma.

A casa, segundo contam, estava um brinco. Começava logo pela iluminação. Das vigas do teto pendiam sete candeias e, como reforço, ardiavam quatro velas sobre as mesas dos cantos. À roda da casa, no friso caiado, tinham disposto a louça branca e na chaminé um grande tronco de asinho ardia, rodeado de piorno, fazendo passar clarões vermelhos na bateria de cobre, disposta, como um troféu, do outro lado da casa.

Quando um homem pensa que, além daquela riqueza, o Antônio Pataco tinha mais do que outro tanto em serviço na cozinha, e que tudo aquilo não é nada em comparação com o muito que nós sabemos que ele tem, haverá rapaz na aldeia que mereça a linda neta tão branquinha e tão rica, fechada provisoriamente naquela noite num dos quartos do sótão da casa?

O prior velho foi quem presidiu á festa como é de ver. Está cego de todo, coitado; mas, apesar disso e de andar algum tanto acabrunhado desde que não pôde ler no missal, atendendo a ter sido quem os casara, lá se arrastou conforme pôde, e não foi talvez dos que menos se divertiram. Abordado à grossa bengala de castãozinho de prata, amarelada pelo uso, tremendo na mão dele, assistiu a toda a festa, até de madrugada, sacudindo em ar de aprovação a cabeça muito calva, onde apenas meia dúzia de cabelos brancos muito compridos esvoaçavam, tenuíssimos, no ar agitado.

Até à meia-noite não se fez outra coisa senão dançar e mais dançar.

O Bento não se cansou de tocar na guitarra, apresentando, como pretexto para não se mexer, o tamanho do ventre, que vai tomando com a idade proporções medonhas. Alguns quiseram insinuar que eram as pernas que lhe começavam a

enfraquecer, mas logo desarmou a intriga, atirando um pontapé, que acertou, como por acaso, nas canelas do mestre-escola.

A pobre guitarra, velha também, rachada e fanhosa, não se lembrou senão de fandangos antigos, e era de ver como aqueles bons velhos, talvez enganados pelo som daquelas cordas que os transportava 50 anos para trás, ouvindo aquela música alegre, que lhes trazia recordações risonhas da mocidade, criaram novas forças e, cheios de animação, dançaram, no meio dos bravos, ligeiros como arveloas sorrindo-se como se ainda se namorassem, como, havia meio século, se sorriam e namoravam.

Quem abriu o baile foi o padeiro, dançando com a mulher.

— Ai, rapaz! — gritou-lhe o Bento.

Mas era lá preciso que o animassem! Com o seu belo calção de briche fino, o colete verde de botões de vidro, as boas polainas espanholas, parecia ter voltado aos 30 anos, bem aprumado, de cabeça erguida, arqueando o peito, balouçando os braços, fazendo estalar os dedos.

A mulher custou-lhe mais por causa do reumatismo; mas, apesar de muito dobrada, lá se animou. Levando aquilo muito a sério, dançou perto de um quarto de hora, diante do marido, que sapateava, tentando recordar as habilidades que noutros tempos o tornaram falado por todas aquelas aldeias.

E só a idéia daquela saiazinha amarela, remexendo-se, trêmula, por toda a casa, perseguida por aquele velho cheio de cabelos brancos e de rugas, fazia rir às gargalhadas estrondosas o prior, que não via nada e lançava o olhar incerto, ora para um lado, ora para o outro, num menear constante de cabeça.

— Está século e meio dançando — disse o mestre- escola com a gravidade do ofício.

E muitos pozinhos, e muitos pozinhos! — acrescentou o prior, continuando a rir.

Todos aplaudiam. O Bento na guitarra apressava o andamento.

— Não posso, não posso mais! — declarou a velhinha deixando-se cair esfalfada num tropeço, ao pé da lareira.

— Quem vem então? — perguntou o Antônio, limpando o suor.

E ficou parado no meio da casa, de mãos na cintura, olhar altivo, esticando a perna, com um sorriso orgulhoso.

Muito se dançou naquela noite, em casa dos padeiros!

Mas o melhor foi a ceia.

O Bento esteve famoso. De mais a mais o Antônio, muito naturalmente de propósito, sentou-o logo entre a Mariana Coxa e a Maria do Rosário. Imaginem! Todos se lembravam ainda de quando elas, à volta da fonte, se arranharam, por detrás do moinho, no meio dos cacos das bilhas partidas.

Agora, muito trêmulas, muito engelhadas, de um lado e outro daquele coração de bronze, mastigavam lentamente, enchendo as bochechas, de beijos muito recolhidos, tocando quase com as barbas para cima nos narizes para baixo.

Enquanto se tomou a canja, houve um silêncio quase geral, apenas interrompido pelos recados do padeiro à velha criada Matilde ou pelos convites aos assistentes.

— O canjirão. Vai já deitando. Começa aqui pelo sr. prior. Mais uma colherinha de canja, tia Inês?

E os velhos, todos em volta, sopravam longamente com as colheres ao pé da boca e sorviam depois o caldo, com uns apitozinhos gulosos, fechando os olhos; alguns amoleciam na canja as côdeas de pão, e o padeiro, de pé, observando, com a concha metida na enorme terrina, lançava em redor um olhar atento de bom dono de casa, pronto para dar mais a quem pedisse.

— Senta-te e come — disse-lhe a mulher. — Que aflição!

— Sente-se e coma; isso mesmo! Entre rapazes não há cerimônias Quem quiser mais peça por boca — gritou o Bento — estendendo o prato.

Mas já então a Matilde vinha trazendo os assados.

Os convidados limpavam os beijos à toalha e os homens despejavam os copos para abrir o apetite.

Então começou tudo a falar. Só o professor é que não tomou parte nas discussões, por não perder a gravidade. Chamando a si uma travessa, onde um magnífico peru ostentava a opulência das carnes aloiradas, espetou-lhes o garfo e, pondo as lunetas redondas na ponta do nariz afiladíssimo, depois de



atentamente ter examinado o fio da faca, principiou, cheio de sua perícia, a trinchar, seguindo com olhares gulosos os bocados, que iam caindo.

O canjirão já voltara por três vezes à cozinha, quando a padeira começou a servir o pato bravo. E da pinha enorme de arroz, que tremia na colher, iam caindo os baguinhos na toalha.

O Bento repetia todos os pratos e desabotoava os botões do colete.

Foi então que, depois dum segredo, que o Antônio Pataco lhe disse ao ouvido com ar de muito mistério, a Matilde saiu, entrando pouco depois com os leitões e trazendo debaixo dos braços umas poucas garrafas, que pôs sobre a mesa defronte do padeiro.

— Sabem, meus senhores?. Garrafas lacradas por mim no dia do meu casamento Os seus copos, façam favor... Ora adeus! O que é isso, sr. professor? O copo maior... Então? O vinho é o sangue dos velhos.

O sangue não sei, a língua é com certeza. Instantes depois a algazarra subira de tom a tal ponto, que o professor, de pé, examinando à luz a transparencia da ametista enorme que lhe refulgia no copo, teve de pedir auxílio ao dono da casa para impor silêncio à velhada.

— Meus senhores... — começou.

Mas as velhas não se continham; haviam de palrar por força. Mal o mestre-escola, com ar choroso, começou falando de tantos que faltavam àquela festa, puseram-se elas a gritar.

— Basta! Basta! Não queremos tristezas!

Deus me perdoe, mas está-me parecendo que o vinho lhes subira às cabecinhas brancas.

Não sei se o professor também desconfiou da coisa. Muito ofendido, todo vermelho, sem poder dominar com a sua fanhosa voz de falsete a imensa berraria, pousou o copo sobre a mesa e começou a atacar o queijo, resmungando.

O Bento é que teve as honras da noite, contando histórias de sua mocidade.

Rapaz perfeito, dono de três moinhos, era mais a mim, mais a mim, todas o queriam.

— E mal sabes tu, Antônio, uma coisa. A tua Josefa também me esperava à porta, quando eu passava, atirando-me cada olhadela!

— Que é lá isso? — perguntou o Antônio, erguendo-se, entornando o copo sobre a mesa e deixando correr em dois fios pelas rugas do queixo o bochecho que tinha na boca.

Como o Antônio tem mau gênio, a questão esteve por um triz a azedar-se.

— Ainda tu acreditas naquele traste! — disse a Josefa levantando a mão e como que ameaçando o Bento duma tremenda bofetada.

— E verdade, sim senhores, é verdade! — teimava o Bento, estirado por cima da mesa, de colete já todo desabotoado.

Os outros velhos protestavam, rindo muito. O prior serenava o Antônio. Ele bem devia ver que tudo aquilo era troça e que o Bento estava a brincar.

— E quem sabe? — continuou este. Talvez que você não festejasse hoje o aniversário do seu casamento, se eu nesse tempo não andasse meio parvo por causa ali da tia Domingas.

— Ah? — perguntou a tia Domingas, aproximando da orelha o côncavo da mão.

— Que andou meio parvo por vocemecê — explicou o prior a berrar.

A tia Domingas, um pouquinho tonta, engoliu com muito esforço um grande bocado de leitão, que ruminava havia um bom quarto de hora, e disse toda comovida:

— Não me fale nesse tempo, sr. Bento, não me fale nesse tempo!

E durante toda a ceia houve sempre alegria, menos na cara do mestre-escola.

— Que tem, sr. Mateus? perguntou-lhe o prior. — Há muito que lhe não ouço a voz.

— Vossa Reverência bem sabe que nunca fui..

— Sei, sei — interrompeu o prior. — Aqui a sra. Bernarda que diga o que vocemecê foi. Pela madrugada, quando já as cotovias cantavam pelos campos e as figas das janelas luziam como fios de cristal, levantaram-se todos para sair.

O prior cabeceava, havia um bocado, e o Bento, depois de muito contar e muito mentir, assentara sobre o peitilho bordado a segunda barba rubicunda, olhando por baixo, com olhar acarneirado, cheio de meiguice avinhada e de sono mal combatido.

Havia longos silêncios e bocejos profundos.

Então as velhas lembraram-se de, como havia 50 anos, acompanhar a Josefa ao quarto.

E pelo corredor a Josefa, com a sua saiazinha amarela, bordada, com largas fitas de veludo preto, muito envergonhada, era seguida pelo Antonio, que, por brincadeira, queria impedir que os amigos viessem, dizendo que não era costume.

Pararam todos à porta.

Pela janela entreaberta a luz fria da manhã entrava no quarto, enchendo-o duma serena meia claridade.

O quarto estava na mesma: o oratório defronte da porta sobre a cômoda de pau santo, à direita o baú encourado, tapado com uma chita de ramagens, ao fundo o leito antigo, muito alto, coberto com uma colcha escarlata e onde, uma ao lado da outra, muito chegadas, duas almofadas bordadas, pequeninas, alvejavam na penumbra.

\*\*\*\*\*

Havia 50 anos!

## AS MÃES

O sol despedia os raios mais vividos, O suão aquecido nas cinzas das queimadas soprava abrasador. Via-se tudo em volta como através de vidros amarelos.

O caminho era ruim, apenas indicado por velhos muros afogados em silvas e cheios e musgo como ferrugem, que lindavam as tapadas. No meio da estrada erguiam-se de espaço a espaço enormes penedos, que ainda conservavam os furos das brocas, mostrando um trabalho abandonado de um dia para outro, falta de dinheiro, alguma eleição perdida. Massas enormes de granito esbranquiçado erguiam-se de uma e outra banda, umas por cima das outras, acasteladas. Por entre as pedras cresciam as giestas sequiosas, cujo fruto crepitava abrindo-se aos beijos do sol e deixava cair a semente na terra. Nos pontos mais elevados ressaíam do trêmulo azul celeste uns carvalhos raquíticos e tortos, que não davam sombra.

Ele caminhava alegre, estrada afora, parando de vez em quando para escolher nos cachos das amoras, que reluziam ao sol, as menos maduras, avermelhadas, rijas, cujo ácido lhe mitigava a sede.

Ainda vinha com o seu bigode, com as calças de linho e as botas pretas de soldado, em que brilhavam como lantejoulas os pedacinhos de mica do granito desfeito.

O gosto com que ele diria lá na terra ao Antônio — “Deite-me isto abaixo, ó mestre, e talhe-me nesta cara uma suíça como a que eu tinha antes e a tinha meu pai que Deus haja”.

E passava a unha pela cara, satisfeito, marcando a suíça que havia de usar.

O gosto com que atiraria para o lado aquelas botas engraxadas, a mortificarem-lhe os pés e que, apesar do bom tamanho, lhe pareciam botas de senhora, boas, quando muito, para o domingo, quando fosse à missa. As botas altas, brancas, de bom salto de prateleira muito cômodo e tão bom para andar, lá tinham ficado penduradas num prego, defronte da lareira, muito bem enebadas e recomendadas. Tinham umas tombas, é verdade, mas eram botas amigas. Como havia de calçá-las, contente, para sair com elas para o trabalho, quando vem rompendo a aurora, quando o céu é cheio de luz e ainda não há sombras na terra!

la morto por voltar aos hábitos velhos, à santa vida do campo.

Lembrava-se, cheio de saudades, das boas histórias, que se contam pela estrada afora, na volta do trabalho, caminhando lentamente atrás dos burros, que, de orelhas muito caídas, projetam na alvura da poeira sombras de gigantes.

O que não de rir os ganhões com as histórias novas que ele traz do quartel!

Quase ao chegar á vila, ao pé da volta da estrada, um nadinha para baixo, à direita, é a fonte. Quando ali se chega, grita-se chó! aos burros, pára-se um bocado a conversar e contende-se com as raparigas que passam de bilhas á cabeça, bem aprumadas, de ancas fortes e caras sadias, com uns fios de dentes, que o pão de centeio torna muito brancos, como folhinhas de malmequeres, e que elas gostam muito de mostrar, abrindo em grandes risos, por qualquer dichote amável, as bocas muito vermelhas, mais frescas e perfumadas que uma ginja.

Aquele bocado de tempo era sempre o melhor do dia.

E, ao pensar na fonte, alargou o passo.

É coisa aborrecida estar de sentinela duas horas, uma noite de inverno. E a água pela valeta a correr, barrenta, cheia de espuma, precipitando-se na sarjeta, com uma bulha muito triste, muito monótona, tão diferente do estrépito das ribeiras quebrando as águas nos rochedos das voltas!

Ele pensava na fonte e nos tais lábios vermelhos. E o tempo assim lá passava mais depressa.

Um outro, às vezes, tão triste como ele talvez, gritava- lhe de uma guarita perdida na treva:

— Sentinela, alerta!

E ele respondia, engrossando a voz:

— Alerta.está!... Sentinela alerta!

E, enquanto os gritos repetidos se iam perdendo ao longe, recaía no mesmo pensar constante, a fonte, sempre a fonte, e triste, sempre triste.

Mas afinal estava livre! Naquela mesma tarde, à hora em que as chaminés começam fumegando e debaixo das parreiras, enquanto a ceia aquece, se toca alegremente nas buzinas, estaria batendo à porta de casa, disfarçando a voz, fingindo ser um pobrezinho a pedir esmola e agasalho.

E ria feliz com aquela idéia divertida.

A alegria da mãe! Era capaz de morrer de gosto a pobre velha, coitadinha!

Sabe Deus, quantas vezes, quando ele pelas madrugadas frias tremia enregelado na guarita, não molhava ela com lágrimas o travesseiro, a chorar a sua pobreza.

Recebera duas cartas dela muito ternas, cheias de notícias e de conselhos. Pedia a todos que lhas lessem e por fim sabia-as de cor; trazia-as sempre consigo entre a fardeta e a camisa, metidas num saquinho de couro, para não se estragarem.

E, ao lembrar-se de que afinal o tempo, de que tantas saudades tivera, ia novamente voltar, enchia-se-lhe a alma de alegria, e caminhava ligeiro, cantando em voz de falsete uma cantiga de S. João.

Ainda lhe faltavam três léguas para chegar a casa.

Aqueles sítios já eram dele muito conhecidos. Lembrava-se perfeitamente de que, por detrás daquelas pedras, que lhe ficavam à esquerda, crescia basta a erva, regada pela água de uma fontezinha, onde, por mais de uma vez, de madrugada, quando ali andava guardando as cabras da viúva, viera armar aos passarinhos.

Não havia sítio melhor para descansar um bocado.

No fardel trazia um pedaço de pão e o conduto, meia dúzia de azeitonas e um queijinho pequeno.

É comer! E, se nos der o sono, dorme-se uma sesta até que abrande o calor!

Saiu da estrada galgando a parede e encaminhou-se para a fonte, pondo em fuga as cotovias, muito mansas, muito alegres, que saltitavam nas pedras, enquanto muito alto, parecendo pontos negros no azul do céu, umas poucas de águias descreviam curvas enormes, com a mira num burro morto, que apodrecia entre os rochedos.

\* \* \*

Quando acordou, já o sol descera muito; o vento tinha virado para o norte e algum tanto abrandara o calor.

Do outro lado do cabeço, ouvia-se um som de chocalhinhos. Eram as cabras da viúva, que andavam pastando. No alto, donde a propriedade se descobria quase

toda, um pastorito de dez anos, deitado sobre as pedras, com o chapéu de abas largas, todo roto, a servir-lhe de travesseiro, fazia dançar um bogalho na ponta esmagada de uma palha de centeio, por onde soprava.

Sensibilizou-o tal recordação da infância, que ali passara como aquele pequeno.

— Adeus, á cachopinho! — gritou.

— Saúde! — respondeu o pequeno.

Teria dormido duas horas e achava-se completamente descansado. Ergueu-se, espreguiçou-se, coçou desesperadamente a cabeça, bateu com os pés no chão para desentorpecer as pernas e por fim, agarrando no chapéu e no bordão, pôs-se alegremente a caminho.

Como por ali não havia vinhas, e isto era no mês das vindimas, não encontrara ninguém por aqueles sítios, abandonados até ao tempo das sementeiras.

Caminhava depressa, batendo com o bordão nas pedras, querendo chegar a casa antes do anoitecer.

Faltava-lhe ainda quase uma légua, quando o sol se escondeu.

As calhandras tinham erguido o vôo e trinavam doidamente, muito alto, constantes no mesmo lugar, batendo muito as asas.

Chegou a uma encruzilhada e parou. Parecia estar em dúvida sobre o caminho que havia de tomar. Passava a mão pela cara, devagarinho, sem se resolver. O caminho

da esquerda parecia tentá-lo muito, sorria-se para ele, mas como quem tem medo de ceder à tentação.

E que tentação não era!... Se nunca mais vira uns olhos daquele azul!

A pobre mãe, àquelas horas, sentada à porta de casa, cruzadas sobre os joelhos as mãos, onde umas veias em relevo ressaem sobre uma rede confusa de rugas pequeninas, pensava nele talvez cheia de amor e de quantas tristezas! Quem passava por defronte da porta tirava o chapéu àqueles cabelos brancos, muito bem alisados por debaixo do lenço negro da viúva. Naqueles olhos meio apagados brilhavam talvez as lágrimas duma saudade... E ele parado ali... cheio de dúvidas!

Seguindo sempre em frente, mal chegasse ao alto, veria na encosta fronteira a casa onde nascera, muito caiada, com a cimalha pintada de azul, a porta verrfíelha, a noqueira a que se encosta a vide cheia de cachos tentadores, e uma volutazinha de fumo azulado a subir, a subir até desvanecer-se, sinal da recompensa depois do dia de trabalho, a boa ceia quente, o lume que desenregela. Seguindo sempre em frente, passado um quarto de hora, estaria nos braços da mãe, secando-lhe as lágrimas, trazendo-lhe o coração que levara.

E continuava em dúvidas! Pois a quem mais do que à mãe queria ele?

E por fim quando se resolveu... tomou para a esquerda.

Pobre mãe!